

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JÁDER CAVALCANTE DE ARAÚJO

O CONHECIMENTO SOBRE O LÉXICO COMO MANIFESTAÇÃO DA
MARANHENSIDADE: Uma investigação sobre língua e identidade

SÃO LUÍS-MA

2026

JÁDER CAVALCANTE DE ARAÚJO

**O CONHECIMENTO SOBRE O LÉXICO COMO MANIFESTAÇÃO DA
MARANHENSIDADE:** Uma investigação sobre língua e identidade

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Maranhão como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Maria Correa
Pereira Mugschl

São Luís-MA

2026

Autorização de publicação

Autorizo a divulgação ou reprodução total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cavalcante, Jader.

O CONHECIMENTO SOBRE O LÉXICO COMO MANIFESTAÇÃO DA
MARANHENSIDADE: uma investigação sobre língua e
identidade / Jader Cavalcante. - 2026
97 p.

Coorientadora: 1: Claudiene Diniz

Orientadora: Sonia Mugschl

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís
2026.

1. Maranhês. 3. Sociolinguística. 3. Dialetologia.
I. Diniz, Claudiene. II. Mugschl, Sonia. III. Título.

JÁDER CAVALCANTE DE ARAÚJO

**O CONHECIMENTO SOBRE O LÉXICO COMO MANIFESTAÇÃO DA
MARANHENSIDADE:** Uma investigação sobre língua e identidade

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Maranhão como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:/...../.....

Profa. Dra. Sonia Maria Correa Pereira Mugschl (orientadora)

Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro (examinadora interna)

Profa. Dra. Veraluce da Silva Lima (examinadora externa)

Profa. Dra. Claudiene Diniz da Silva (coorientadora)

AGRADECIMENTOS

Aos professores do PGLETRAS, que muito enriqueceram minha visão sobre a linguística e a produção científica e seus processos, em especial à minha orientadora, Profa. Dra. Sonia Maria Correa Pereira Mugschl, por sua paciência e profissionalismo, que foram fundamentais para “dobrar” a turrice deste autor;

Aos colegas de turma, que ombrearam a jornada com muito entusiasmo e incentivo;

Aos colegas funcionários da UFMA, cujo profissionalismo e solicitude possibilitaram a execução de múltiplas tarefas;

Aos familiares, que deram incentivo incondicional ao projeto de mestrado, torcendo e vibrando a cada etapa vencida, em especial, minha mãe, meus filhos e irmãos;

Um agradecimento especial, à minha esposa, Edlena, que, além do apoio, contribuiu com sua visão de profissional da pedagogia;

A Cidinho Marques, meu amigo e confrade na Academia Literária do Maranhão-ALMA, que disponibilizou a estrutura pedagógica da Escola COC, onde se realizou a pesquisa de campo desta dissertação;

Por último, mas não menos importante, a meu amigo canino Apollo, que, com seu silencioso apoio de fidelidade, permanecia ao meu lado nas noites e madrugadas de produção do texto final deste trabalho.

Há palavras que nascem do chão de uma terra. Elas guardam o tempero das vivências, o riso das gentes e a memória dos caminhos percorridos, que permitem que um povo se reconheça.

Jáder Cavalcante

RESUMO

Este trabalho investiga o nível de reconhecimento de expressões do maranhês por jovens adolescentes, estudantes do ensino médio de uma instituição privada em São Luís-MA. O estudo também busca analisar a presença dessas expressões no repertório linguístico dos participantes. Os fundamentos teórico-metodológicos desta pesquisa respaldam-se na Sociolinguística, tendo por base os estudos de renomados autores, como Labov (2008) e Tarallo (1996). A Dialectologia e a Lexicologia também permeiam as discussões aqui presentes, com base em Cardoso, Mota e Mollica (2014) e Biderman (2001), principalmente. A pesquisa, que tem natureza quantitativa, com análise de dados qualitativa, foi realizada por meio de questionário aplicado via Google Forms a 67 estudantes, majoritariamente, com idades entre 15 e 17 anos. Os resultados demonstram que um número significativo dos participantes tem internalizado um razoável nível de maranhês, uma vez que 44,5% das expressões apresentadas foram reconhecidas, contrastando com um baixo percentual de uso efetivo dessa variedade linguística (9,6%), dados que demonstram discrepância entre competência receptiva e produtiva, sugerindo a possibilidade de um processo de deslocamento linguístico. A análise dos dados permite concluir que o conhecimento do maranhês, ainda que reduzido — principalmente, em virtude do processo de globalização — ainda está presente na memória linguística dos participantes, embora sua utilização efetiva encontra-se pouco expressiva, o que indica o comprometimento de sua vitalidade como prática social.

Palavras chave: maranhês; sociolinguística; dialectologia.

ABSTRACT

This study investigates the level of recognition of Maranhês expressions among adolescent students enrolled in high school at a private institution in São Luís, Maranhão. It also aims to analyze the presence of these expressions in the participants' linguistic repertoire. The theoretical and methodological foundations of this research are grounded in Sociolinguistics, based on the studies of renowned scholars such as Labov (2008) and Tarallo (1996). Dialectology and Lexicology also permeate the discussions presented here, particularly drawing on Cardoso, Mota and Mollica (2014) and Biderman (2001). The research is quantitative in nature, with qualitative data analysis, and was conducted through a questionnaire administered via Google Forms to 60 students, mostly aged between 15 and 17 years. The results show that a significant number of participants have internalized a reasonable level of Maranhês, as 44.5% of the expressions presented were recognized. However, this contrasts with a low percentage of effective use of this linguistic variety (9.6%), revealing a discrepancy between receptive and productive competence and suggesting the possibility of an ongoing process of language shift. The analysis of the data leads to the conclusion that knowledge of Maranhês, although reduced — mainly due to the effects of globalization — remains present in the participants' linguistic memory. However, its effective use has declined, indicating a weakening of its vitality as a social practice.

Keywords: maranhês; sociolinguistics; dialectology.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Pergunta 1 sobre o perfil do participante — variável IDADE.....	58
Gráfico 2: Pergunta 2 sobre o perfil do participante — variável GÊNERO.....	59
Gráfico 3: Pergunta 3 sobre o perfil do participante — variável ORIGEM.....	60
Gráfico 4: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 1: Expressão <u>bater uma chapa</u>	60
Gráfico 5: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para complementar a Pergunta 1: variável uso da expressão no dia a dia	61
Gráfico 6: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 2: Expressão <u>dar a birôla</u> ”	62
Gráfico 7: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para complementar a Pergunta 2: variável uso da expressão no dia a dia	62
Gráfico 8: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 3: Expressão <u>de vez</u>	63
Gráfico 9: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para complementar a Pergunta 3: variável uso da expressão no dia a dia	64
Gráfico 10: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 4: Expressão <u>diz-te arreda</u>	64
Gráfico 11: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para complementar a Pergunta 4: variável uso d a expressão no dia a dia	65
Gráfico 12: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 5: Expressão <u>enfiar peido em cordão</u>	65
Gráfico 13: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para complementar a Pergunta 5: variável uso da expressão no dia a dia	66
Gráfico 14: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 6: Expressão <u>ter o ganhador aberto</u>	66

Gráfico 15: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para complementar a Pergunta 6: variável uso da expressão no dia a dia	67
Gráfico 16: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 7: Expressão <u>papiulas</u>	67
Gráfico 17: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para complementar a Pergunta 7: variável uso da expressão no dia a dia	68
Gráfico 18: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 8: Expressão <u>só deu pra minha radiola</u>	68
Gráfico 19: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para complementar a Pergunta 8: variável uso da expressão no dia a dia	69
Gráfico 20: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 9: Expressão <u>só quer ser a bala</u> ”	69
Gráfico 21: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para complementar a Pergunta 9: variável uso da expressão no dia a dia	70
Gráfico 22: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 10: Expressão <u>ser uma taquara rachada.</u> ”	70
Gráfico 23: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para complementar a Pergunta 10: variável uso da expressão no dia a dia	71
Gráfico 24: Número de acertos versus número de participantes.....	72
Gráfico 25: Médias percentuais de expressões do maranhês (re)conhecidas pelos respondentes e do uso dessas mesmas expressões por eles	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: camisa da empresa Vista Santê	30
Figura 2: exemplo de variação lexical.....	46

SUMÁRIO

1 Introdução	12
2 língua e identidade	16
2.1 O global e o local	24
2.2 Conceito de lugar	30
3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	35
3.1 Variação lexical	41
4 MARANHÊS, MARANHENSIDADE E FORMAÇÃO CULTURAL	46
5 METODOLOGIA.....	52
5.1 Tipo de pesquisa e abordagem	53
5.2 Participantes e critérios de seleção	53
5.3 Instrumento de coleta de dados	54
5.4 Procedimentos de aplicação do questionário	55
5.5 Tratamento e análise dos dados	57
5.6 Considerações éticas	57
6 ANÁLISE DOS DADOS	59
6.1 Análise quantitativa dos resultados	73
6.2 Análise qualitativa dos resultados	75
7 Considerações finais	78
Referências	81
Apêndice	86

1 INTRODUÇÃO

A identidade de uma determinada comunidade não pode ser compreendida como uma forma estável e delimitada, uma vez que estão inseridas em um contexto dinâmico de relações, marcado pelas contradições entre o global e o local, o que vem sendo pontuado por vários autores. Giddens (1991), Harvey (1992), Hall (1992) e Canclini (2008), por exemplo, observam que, além do processo de homogeneização cultural, a globalização tem acarretado mudanças, misturas e realinhamento identitário. Em vista disso, o contato entre diferentes referências culturais tem, com muita frequência, reconfigurado identidades. Garrett (2010, p. 1) defende ideia semelhante sobre os efeitos da globalização: *“Globalization and the increasing mobility of people, ideas and media have intensified the contact between linguistic varieties, influencing speakers’ attitudes and linguistic behaviour, particularly among younger generations”*¹.

Dentro dessa mesma óptica, Robertson (1995) propõe o conceito de *glocalização* para descrever o modo de interação de dinâmicas globais e práticas locais, o que acarreta configurações culturais específicas, de acordo com o contexto. Em sintonia com tal conceito, Santos (1996) e Massey (2008) enfatizam o papel do lugar como espaço de convergência de fluxos diversos, que podem ser econômicos, culturais e sociais. Em virtude desses fluxos, processos globais podem agregar-se a formas particulares e se materializar nas vivências dos sujeitos.

É nesse cenário que se coloca o problema central que orienta este trabalho: em que medida os jovens maranhenses, hoje, conhecem e utilizam o léxico tradicionalmente associado ao maranhês? As novas gerações são o elemento fundamental responsável pela transmissão (e aniquilamento) de patrimônios culturais. Mas deve-se levar em conta que são também as que estão expostas, com maior frequência, a repertórios linguísticos disseminados nacional e globalmente, popularizados pela mídia, pela internet, pelas redes sociais e por produtos culturais diversos (Garrett, 2010). Nesse contexto, é importante investigar se o léxico regional ainda está “vivo” entre jovens ou se se encontra em processo de retração, substituição, ressignificação ou erosão.

¹ A globalização e a crescente mobilidade de pessoas, ideias e meios de comunicação intensificaram o contato entre variedades linguísticas, influenciando as atitudes e o comportamento linguístico dos falantes, particularmente entre as gerações mais jovens (tradução nossa).

À luz dessas reflexões, o problema central que orienta esta pesquisa (até que ponto, jovens de 14 a 19 anos, estudantes do ensino médio de uma escola privada de São Luís, reconhecem e compreendem expressões específicas do maranhês e em que dimensão eles as utilizam em seu repertório linguístico cotidiano) necessita se amparar na Sociolinguística para que se possa compreender o comportamento linguístico dos falantes.

Com base nesse problema, o trabalho visa, primariamente, analisar o grau de conhecimento de expressões consagradas do maranhês entre jovens de 14 a 19 anos, estudantes do ensino médio de uma escola privada de São Luís, buscando compreender como esse conhecimento se relaciona com a percepção que eles têm da maranhensidade como identidade linguística e cultural. Outros objetivos são (a) verificar, por meio de análise quantitativa, o nível de reconhecimento das expressões investigadas, identificando o percentual de conhecimento e de desconhecimento entre os participantes da pesquisa e quanto elas compõem o repertório lexical dos participantes; (b) examinar, à luz da Sociolinguística e dos estudos sobre variação lexical, a presença e o lugar desse conjunto de formas regionais no repertório linguístico dos jovens investigados; (c) relacionar os resultados obtidos às discussões teóricas sobre língua e identidade, sobre as dinâmicas entre global e local e sobre o conceito de lugar, refletindo sobre o possível distanciamento das gerações mais jovens de seu sentimento de pertença em relação à maranhensidade; e (d) contribuir para o debate sobre a valorização da variedade maranhense do português brasileiro.

Esta pesquisa se justifica uma vez que o fato sociolinguístico é o principal elemento que fundamenta qualquer estudo linguístico. Além disso, deve-se considerar o maranhês como um importante patrimônio linguístico-cultural, pois a ele estão ligados aspectos históricos, sociais e identitários de seus falantes. Investigar quanto as novas gerações retêm de conhecimento sobre o maranhês contribui para uma reflexão sobre a perpetuação linguística regional, especialmente, em um contexto em que as variedades locais, muitas vezes, sofrem processos de apagamento ou desvalorização diante de modelos linguísticos considerados de prestígio.

No que se refere ao recorte desta pesquisa, centrado em jovens estudantes, torna-se relevante compreender como as novas gerações se relacionam com essa variedade linguística. A escola, por ser um espaço de normatização da língua, nem

sempre contempla as práticas linguísticas reais dos alunos, o que pode gerar distanciamento entre a norma ensinada e o uso da variedade tradicional, além de possíveis manifestações de preconceito linguístico.

Por fim, este estudo também se justifica por sua contribuição para os campos da Sociolinguística, da Dialetologia e da Lexicologia, uma vez que analisa o conhecimento linguístico em contexto específico. Além disso, os resultados podem oferecer subsídios para práticas pedagógicas mais inclusivas, que reconheçam e valorizem a pluralidade linguística, promovendo uma abordagem conscientizadora da importância do legado linguístico do estado.

Quanto às fontes teóricas que alimentaram este trabalho, podem-se destacar os estudos de Labov (2008), Tarallo (1996), Bortoni-Ricardo (2004, 2014), Cardoso (2010), como as principais contribuições no que se refere ao campo da Sociolinguística e Dialetologia.

Uma vez que o estudo do maranhês envolve também a relação identitária do lugar, a pesquisa apoiou-se em Relph (1976), Robertson (1995), Tuan (1983), além do brasileiro Milton Santos (1996). Outros autores (na maioria estrangeiros) também tiveram seu quinhão de contribuição no aspecto geográfico da Sociolinguística.

Já no tocante à maranhensidade e ao maranhês, a pesquisa bebeu da fonte de Vieira Filho (1977), Neres e Barros (2011), Cavalcante (2025) e Ferretti (2010), além de valiosos estudos localizados no repositório de dissertações do PGLETRAS da UFMA (<https://tedebc.ufma.br/>).

Metodologicamente, a pesquisa é de natureza descritiva, com abordagem quantitativa e análise qualitativa (Gil, 2008). O instrumento de coleta consistiu em um questionário on-line (Google Forms), aplicado sem contato direto entre pesquisador e participantes, garantindo anonimato e confidencialidade dos dados.

A estrutura deste trabalho organiza-se da seguinte forma:

No Capítulo 2, discute-se a relação entre língua e identidade, problematizando as tensões entre global e local e desenvolvendo o conceito de lugar como categoria fundamental para compreender a maranhensidade. No Capítulo 3, apresentam-se os fundamentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística e da variação lexical, que sustentam a análise do léxico maranhense. No Capítulo 4, examinam-se as raízes históricas e culturais do maranhês, destacando o papel do léxico na constituição da identidade regional. No Capítulo 5, descreve-se a metodologia da pesquisa, incluindo participantes, instrumento de coleta,

procedimentos de aplicação e tratamento dos dados. No Capítulo 6, procede-se à análise dos resultados, com a apresentação dos dados estatísticos por meio de gráficos. Os dados obtidos são analisados sob a luz das teorias estatísticas (análise objetiva) e da Sociolinguística (análise subjetiva), com reflexões que relacionam o parco conhecimento pelo público participante da pesquisa das expressões do maranhês às discussões teóricas sobre língua, identidade, lugar e juventude. Por fim, nas Considerações Finais, retomam-se os principais achados, enfatizando que o reduzido conhecimento do léxico regional entre os jovens investigados sinaliza um processo de distanciamento em relação a esse aspecto primordial da maranhensidade, ao mesmo tempo em que são sugeridos desdobramentos educacionais e possibilidades de pesquisas mais densas no futuro.

2 LÍNGUA E IDENTIDADE

Para que se discuta a relação entre língua e identidade, é necessário reconhecer que a linguagem não é um simples instrumento de comunicação, uma vez que ela mantém elos de atavismo cultural, ou seja, a linguagem é um lugar privilegiado onde se produzem sentidos de pertencimento. Com base em uma perspectiva sociointeracionista, compreende-se que a língua é, primordialmente, uma prática social, isto é, trata-se de atividade humana presente em toda a história da humanidade (Bakhtin, 2003; Bourdieu, 1996).

Sob essa óptica, entende-se que, quando um indivíduo fala, ele não está apenas transmitindo informações, mas construindo imagens de si e dos outros, determinando sua posição no mundo e demarcando sua identidade individual e coletiva. No Maranhão, esse modo de falar é muito específico, em virtude da grande quantidade de termos e expressões que são unicamente utilizados pelos nativos da terra, ou seja, os falantes do maranhês, considerando essa grande variedade lexical como um elemento identitário da maranhensidade.

Assim, o fenômeno linguístico observado no Maranhão dialoga diretamente com as abordagens contemporâneas que compreendem a identidade como dinâmica, múltipla e em constante transformação. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1992, p. 12-13). Stuart Hall (1992) ainda defende que as identidades nunca são unificadas e, na modernidade tardia, são cada vez mais fragmentadas e múltiplas; construídas por meio de diferentes discursos, práticas e posições. Ferretti (2010) entende que a identidade é formada por diversas variáveis, que vão desde a culinária até os folguedos populares, passando pelos aspectos religiosos e, obviamente, a língua, com todas as suas nuances. O autor defende que

O tambor de crioula pode ser considerado como um dos elementos componentes da identidade maranhense, juntamente com o bumba-meu-boi, com o tambor de mina e outras manifestações culturais de origens africanas, como o reggae, que tornou São Luís conhecida como a Jamaica Brasileira. Esta identidade se apoia igualmente em elementos culturais de outras procedências, como a poesia e a literatura, a publicação de grande número de obras literárias e o orgulho de falar corretamente a língua portuguesa e de ser considerada a Atenas Brasileira. Tudo isto faz parte do que pode ser chamado de maranhensidade, que começa a ser constatada

atualmente, sendo intensificado com o título atribuído a São Luís de Patrimônio da Humanidade (Ferretti, 2010, p. 177).

A reflexão de Ferretti (2010) evidencia que a identidade maranhense é construída a partir de múltiplos elementos culturais, entre os quais a língua ocupa lugar de destaque. Nesse contexto, chama atenção o “orgulho de falar corretamente a língua portuguesa”, aspecto que revela um traço identitário e uma valorização da variedade linguística. Do ponto de vista da Sociolinguística, tal posicionamento merece ser problematizado, uma vez que a noção de “correção” está historicamente associada a padrões normativos e a relações de poder que legitimam certas formas de falar como superiores. Assim, ao mesmo tempo em que a língua funciona como marcador de pertencimento, ela também pode atuar como instrumento de distinção social, reforçando hierarquias e exclusões no interior da própria comunidade.

Dubar (2005) concorda com essa reflexão, argumentando que a identidade é o resultado da articulação entre processos de identificação internos e externos. Os primeiros configuram-se como “a maneira como o sujeito se percebe e se define”, já os segundos envolvem as formas com que ele é reconhecido e nomeado pelos outros membros da sociedade. Desse modo, a identidade pode ser entendida como um processo relacional, permanentemente negociado e sujeito a novas interpretações. Nesse processo, a língua ganha lugar de destaque, pois é por meio dela que os indivíduos elaboram narrativas sobre si e também constroem representações coletivas, delimitando fronteiras simbólicas entre “nós” e “os outros”.

No que se refere aos estudos linguísticos, é vigorosa a ideia de que práticas linguísticas e identidades sociais estão intimamente articuladas. Rajagopalan (2003) sustenta que a língua está intrinsecamente ligada às questões identitárias, pois a linguagem utilizada pelos falantes denota, ainda que implicitamente, posicionamentos sociais e ideológicos: “As línguas não são meros instrumentos neutros de comunicação; elas estão profundamente implicadas na constituição das identidades dos sujeitos” (Rajagopalan, 2003, p. 77).

Com idêntica interpretação, Bortoni-Ricardo (2004) ressalta que as variedades linguísticas não podem ser consideradas apenas modos diferentes de apresentar um mesmo conteúdo. A autora afirma que “todo falante nativo sabe falar a sua língua materna; o que ocorre é que as variedades linguísticas refletem as

experiências sociais e os contextos de vida de seus falantes” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 72). Assim, as formas como os indivíduos utilizam a linguagem carregam marcas de suas trajetórias sociais, de seus níveis de escolarização e de seus vínculos com determinados grupos. No caso específico do Maranhão, um falante do maranhês, quando utiliza o adjetivo “canhenga²”, ratifica seu pertencimento à cultura linguística local. Segundo Ferreira (2019), esse termo pertence exclusivamente ao léxico do maranhês.

Quando se consideram os fenômenos de fala do Brasil, onde existe uma expressiva diversidade linguística e cultural, torna-se evidente essa relação entre língua e identidade. A convivência de múltiplas variedades do português, juntamente com línguas indígenas nativas, afro-brasileiras (trazidas pelos escravizados) e idiomas trazidos por diferentes correntes migratórias, estabeleceu um quadro de grande pluralidade linguística. Nesse contexto, as formas de falar de cada grupo social não se configuram somente como meios de comunicação, mas também como marcas identitárias, que evidenciam pertencimento social, regional e cultural. Como observa Bagno (2007, p. 36), “toda língua apresenta variação e mudança; não existe língua homogênea nem uniforme”. Assim, o português falado no Brasil não pode ser compreendido como um sistema único e estável, e, sim, como um conjunto de práticas linguísticas variadas, formatadas por processos de transformação, em que se identificam identidades locais, regionais, étnicas e geracionais.

Um dos principais pontos a serem analisados sobre essa relação entre língua e identidade é o papel do léxico. As palavras que compõem o repertório linguístico de uma comunidade, os nomes dados a alimentos, festas, objetos, fenômenos naturais, práticas religiosas e manifestações culturais formam um verdadeiro “inventário” simbólico da experiência social desse grupo. Biderman (2001) defende que o léxico de uma língua constitui uma espécie de “enciclopédia cultural”, pois registra saberes, valores e modos de ver o mundo que são comuns a toda uma coletividade. Ao dar nome aos elementos do nosso convívio, classificamos, recortamos a realidade e atribuímos sentidos ao que nos cerca. Por isso o estudo do léxico de uma comunidade implica também o aprofundamento em sua memória social, seus afetos e suas vivências. Dessa forma, à medida que os estudos iam se ampliando, alguns linguistas chegaram ao consenso de que,

² Canhenga = avarento

além da dimensão espacial da variação linguística, as características sociais dos falantes também deveriam ser levadas em consideração nos estudos dialetais, ou seja:

[...] à diversidade de espaços físicos e geopolíticos junta-se a consideração dos parâmetros diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico, diarreferencial ou nas especificações da diatopia, diatópico-topoestático, diatópico-topodinâmico, e de outros mais a que se pode ou possa chegar (Cardoso, 2010, p. 62).

Em países como o Brasil, que tem extensão continental, é natural que se encontrem variadas diferenças regionais no uso da língua (Bechara, 2009), resultado das distintas histórias de formação social e cultural das comunidades de fala. O folclorista maranhense Domingos Vieira Filho (1977, p. 39) enfatiza a diversidade cultural do estado, que se reflete também na linguagem: “O Maranhão apresenta um dos mais ricos patrimônios culturais do Brasil, resultado da confluência de tradições indígenas, africanas e europeias”. A variedade maranhense do português brasileiro insere-se no amplo quadro de diversidade regional da língua no país. Nascentes (1953, p. 36) corrobora essa percepção: “o português do Brasil apresenta acentuada variedade regional, resultante da extensão territorial do país e das diferentes influências históricas e culturais que atuaram em sua formação”. Nesse contexto, variedades regionais como o maranhês constituem importantes espaços de manifestação da diversidade lexical e cultural das comunidades de fala.

Com base na Sociolinguística, pode-se compreender que as palavras dificilmente são neutras. Cada escolha lexical carrega consigo sentidos construídos ao longo da história e vinculados às experiências sociais dos falantes (Bakhtin, 2003). No caso dos vocábulos e expressões associados a uma determinada região, esses sentidos costumam estar ligados ao território, às práticas culturais e às formas de vida compartilhadas por uma comunidade. Assim, quando um falante recorre a um termo reconhecido como específico de sua terra, ele não apenas nomeia um objeto ou uma prática do cotidiano, mas também evoca referências culturais e afetivas que reforçam seu vínculo com aquele lugar e, principalmente, com o grupo social a que pertence. Em qualquer lugar do planeta, um maranhense reconheceria

um conterrâneo se este, em meio à sua fala, usasse a polissêmica expressão “hem-hem” (Neres, 2010).

No caso do Maranhão, como já explicitado, a relação entre língua, léxico e identidade pode ser compreendida com base na noção de maranhensidade, entendida como um conjunto de referências culturais, históricas e simbólicas que dão forma a um modo particular de viver, perceber e significar o mundo. Essa maranhensidade está presente em diferentes dimensões da vida social e, de maneira muito significativa, na própria língua, evidenciando atavismo cultural. O vocabulário empregado pelos maranhenses constitui um importante marcador de pertencimento.

Ao se referir aos aspectos das identidades regionais, Castells (1999) observa que, em contextos em que se presencia um intenso processo de globalização, os grupos sociais tendem a valorizar e reforçar elementos culturais que os distinguem. Pode-se entender esse movimento como uma maneira de estabelecer singularidades locais diante de um cenário nacional em que as influências da mídia e, muito fortemente, das redes sociais, tentam promover padrões culturais e linguísticos mais homogêneos. Diante dessa dinâmica, o léxico regional passa a ter um papel particularmente relevante, pois se torna um espaço onde rivalizam, de um lado, as forças de padronização linguística — muitas vezes associadas à norma culta urbana de prestígio — e, de outro, os movimentos de valorização das identidades locais. Assim, ao manter e utilizar palavras e expressões ligadas à realidade cultural do Maranhão, os falantes, além de preservarem um patrimônio linguístico compartilhado, também reafirmam formas de pertencimento que os diferenciam de outras comunidades linguísticas do país.

A linguagem, em seu aspecto político, é amplamente discutida por autores como Bourdieu (1996), que desenvolve estudos sobre o chamado “poder simbólico” associado às variedades linguísticas socialmente valorizadas. Sob esse ponto de vista, determinadas formas de falar tendem a ser reconhecidas como corretas, legítimas ou cultas, enquanto outras não têm o seu valor reconhecido e são frequentemente associadas à falta de escolaridade ou ao desconhecimento da norma padrão. Em se tratando das variedades regionais, não raro, marcas lexicais locais são percebidas como “estranhas”, “incultas” ou simplesmente “pitorescas”, julgamento que pode levar os próprios falantes a prescindir dessas formas em

contextos considerados formais, produzindo, muitas vezes, processos de autocensura linguística. Dentro do Estado do Maranhão, observa-se que uma parcela significativa de seus habitantes evita mencionar “pão massa grossa” e adotam “pão francês”, até porque — observação empírica deste autor — as padarias sempre apresentam “pão francês” em seus anúncios e nas etiquetas de código de barra após a pesagem, num claro movimento político de desvalorização do “saboroso pão massa grossa”. No entanto, como argumenta Bagno (2007), essas variedades não podem ser vistas como inferiores do ponto de vista linguístico. Ao contrário, elas se configuram como expressões legítimas da competência linguística dos falantes e carregam consigo importantes marcas de identidade social e cultural. Nesse sentido, o autor afirma que:

Do ponto de vista da história de cada indivíduo, o aprendizado da língua falada sempre precede o aprendizado da língua escrita, quando ele acontece. Basta citar os bilhões de pessoas que nascem, crescem, vivem e morrem sem jamais aprender a ler e a escrever! E, no entanto, ninguém pode negar que são falantes perfeitamente competentes de suas línguas maternas (Bagno, 2007, p. 51-52).

Ao abordar a maranhensidade baseada no léxico, este trabalho aproxima-se de uma perspectiva que procura questionar concepções puristas e padronizantes da língua portuguesa praticada no Brasil. Em vez de compreender o português como um sistema único e uniforme, busca-se reconhecer que as manifestações linguísticas se realizam em múltiplas formas, marcadas pelas particularidades históricas, sociais e culturais das diferentes regiões do país. Bortoni-Ricardo (2004) observa que o português brasileiro apresenta uma diversidade significativa de usos e variedades, resultante das trajetórias sociais das comunidades que o utilizam. Dentro desse entendimento, observa-se que a variedade maranhense — especialmente no tocante ao seu repertório lexical — pode ser compreendida como um espaço privilegiado de construção e expressão de identidades. O vocabulário se encarrega de inscrever marcas da história da região, como os processos de colonização, os contatos interétnicos e as transformações decorrentes da urbanização, entre outros fatores que ajudam a formar o arcabouço sociocultural do Maranhão.

Além disso, é importante considerar que as identidades não se limitam apenas às dimensões regionais ou territoriais. Elas são atravessadas por diversos outros fatores sociais, como classe, gênero, raça/etnia, geração e religião, entre outros. Nesse sentido, o próprio léxico associado à maranhensidade não se apresenta de forma homogênea. Diferentes grupos sociais dentro do Maranhão utilizam repertórios lexicais que podem variar de acordo com suas experiências sociais e culturais. Essas variações podem refletir, por exemplo, distinções entre contextos urbanos e rurais, entre níveis distintos de escolarização ou mesmo entre gerações mais jovens e mais velhas. Na região da Baixada Maranhense, utiliza-se “chengo” (Cavalcante, 2025), termo esse não adotado pelos indivíduos naturais da capital, que dão preferência a “urubu”. De acordo com a região do estado, a “lagartixa” pode ser chamada de “briba”, “troíra” ou “osga” (Cavalcante, 2025). Dessa forma, a identidade maranhense não deve ser entendida como uma realidade única e estática, mas como um fenômeno plural e internamente diverso. Essa compreensão dialoga com as reflexões de Hall (2006), para quem as identidades são construções históricas e culturais em permanente transformação. Nessa perspectiva, o autor argumenta que:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 1992, p. 7).

No plano sociolinguístico, o chamado *maranhês* pode ser compreendido como uma expressão significativa de resistência cultural e de afirmação identitária. O fato de o Maranhão não ocupar posição de destaque econômico no cenário nacional acaba, muitas vezes, limitando a visibilidade e a difusão de suas manifestações culturais fora do estado. Diferentemente do que ocorre com outras regiões do país, cujas tradições foram amplamente institucionalizadas e difundidas — como é o caso da cultura gaúcha, cuja presença se projeta nacionalmente por meio dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) —, a cultura maranhense tende a permanecer mais circunscrita ao seu espaço regional. Esse relativo isolamento contribui para que

determinados traços linguísticos característicos do estado se mantenham fortemente vinculados ao território em que se originaram.

No que se refere a outras manifestações culturais, como danças, folguedos e festividades populares, observa-se, nos últimos anos, um investimento público significativo voltado à sua promoção e divulgação. Em 2025, por exemplo, o Governo do Estado do Maranhão empenhou-se em projetar o evento carnavalesco local como o “Maior Carnaval do Nordeste”. De modo semelhante, desde 2023, a gestão estadual tem promovido o “Maior São João do País”, iniciativa voltada à valorização e à visibilidade das tradições juninas. Esses esforços revelam uma clara estratégia de fortalecimento de manifestações culturais ligadas à música, à dança, à culinária e às festas populares. No entanto, quando se trata da dimensão linguística da cultura, não se observa o mesmo nível de atenção institucional voltado à valorização e ao reconhecimento das particularidades do falar maranhense.

Embora o maranhês possa ser caracterizado, com base em perspectivas normativas, como uma variedade não padrão do português, esse modo de falar constitui, na realidade, um importante instrumento de comunicação e de coesão social entre os falantes uma vez que as variedades linguísticas, independentemente de seu prestígio, desempenham funções comunicativas plenas no interior das comunidades de fala (Labov, 2008; Bagno, 2007). O maranhês carrega consigo um conjunto de particularidades lexicais ou expressivas, mas também funciona como marcador de identidade coletiva, reforçando vínculos de pertencimento e contribuindo para a manutenção de referências culturais compartilhadas pelas comunidades locais.

Dessa forma, compreender a língua como um dos principais espaços de construção e negociação de identidades significa reconhecer que o estudo do léxico ultrapassa a simples descrição de vocábulos. Mais do que um inventário de palavras, o léxico pode ser entendido como uma via privilegiada para acessar as maneiras utilizadas por uma comunidade para se fazer representar e se distinguir de outras, reconhecendo-se e também sendo reconhecida socialmente. Ao investigar o repertório lexical associado à maranhensidade, este trabalho procura demonstrar como os maranhenses estão inscritos em um território geográfico e cultural específico, reafirmando, por meio das palavras, vínculos de pertencimento, afetos e memórias coletivas. Essa discussão será aprofundada nas subseções seguintes,

nas quais serão examinadas, inicialmente, as relações entre o global e o local (2.1) e, em seguida, o conceito de lugar (2.2), noções fundamentais para compreender de que modo a identidade maranhense se constitui em diálogo — e, por vezes, em tensão — com outras dimensões de pertencimento.

2.1 O global e o local

A relação entre o global e o local constitui um instrumento relevante para tentar interpretar e compreender os processos contemporâneos por meio dos quais vão se construindo as identidades, incluindo aquelas de natureza linguística e regional, como a maranhense. O mundo está cada dia mais marcado pela globalização, que vem se intensificando. Os fluxos econômicos, culturais, tecnológicos e comunicacionais passaram a circular, cada vez mais vorazmente, atravessando fronteiras e transformando modos de vida, relações sociais e dinâmicas de poder (Giddens, 1991). No entanto esses processos, não necessariamente, desencadeiam uma simples uniformização cultural. Ao contrário, muitas vezes, podem estimular movimentos de valorização e reafirmação de pertencimentos locais, regionais e nacionais. Em tais situações, identidades coletivas passam a ser continuamente valorizadas e fortalecidas, em um campo marcado por tensões, hibridizações e formas diversas de resistência cultural (Hall, 1992; Canclini, 2008). No caso específico do Maranhão, observa-se que o processo de globalização nada afetou os aspectos culturais referentes aos folguedos populares e manifestações folclóricas, pelo contrário, as atividades passaram a ter muito mais vitalidade, em virtude dos movimentos de valorização da cultura popular implementados pelo poder público.

Hall (1992) observa que a globalização, longe de simplesmente apagar as diferenças, contribui para “descentrar” identidades tradicionais e para multiplicar pontos de referência identitários. O autor adverte para as mudanças observadas na sociedade:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos

integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos — tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (Hall, 1992, p. 9).

Nesse contexto, muitos sujeitos passam a articular identidades “glocais”, ou seja, identidades que combinam referências globais e locais de forma criativa e, muitas vezes, contraditória. Seguindo essa mesma orientação, Castells (1999) faz distinções entre “identidades de projeto”, “identidades legitimadoras” e “identidades de resistência”, destacando que a intensificação dos fluxos globais pode induzir grupos subalternizados a reforçar simbolicamente elementos culturais locais como forma de afirmação e contestação. A maranhensidade, pensada com base em seu léxico específico, pode ser compreendida como um desses movimentos de resistência e afirmação no interior da sociedade em rede. Vale destacar aqui uma valiosa contribuição, no sentido de perpetuar a língua-raiz do maranhense, que vem sendo dada pelo grupo teatral *Pão com Ovo*³. Com sua grande influência perante o público jovem, decorrente da notoriedade artística angariada, o grupo vem disseminando a maranhensidade linguística de forma lúdica e não institucionalizada.

Os estudos culturais descrevem o modo como dinâmicas globais são apropriadas, reinterpretadas e ressignificadas em contextos locais específicos. Assim, o global não se impõe uniformemente nem de forma totalizante; ele é filtrado pelas histórias, valores e práticas culturais de cada lugar (*glocalization*). Canclini (2008) também chama a atenção para processos de “hibridação cultural”, em que elementos locais e globais são combinados, gerando novas formas de sociabilidade. Sob esse aspecto, pode-se afirmar que o Maranhão não é um espaço “à margem” da globalização, mas um lugar onde as correntes culturais globais aliam-se às tradições locais, produzindo arranjos identitários singulares, que se manifestam também no plano linguístico. Esse não é um processo recente. Cavalcante (2025, p. 54) esclarece que o termo do maranhês “tope” tem a acepção de tamanho, altura, compleição e “deriva do inglês ‘top’, que significa ‘topo’, ‘a parte de cima’”, demonstrando que, em algum momento da história, o anglicismo foi incorporado ao acervo do maranhês, com nuances linguístico-culturais próprias.

³ O grupo teatral maranhense **Pão com Ovo** é responsável por uma das comédias de maior sucesso no Nordeste, criada em 2013. O espetáculo, estrelado pelos atores Adeilson Santos (Dijé) e César Boaes (Clarisse), narra com humor e críticas sociais a vida de uma nova rica e sua amiga de bairro popular, acumulando mais de 1,3 milhão de espectadores.

A dimensão linguística dessa tensão entre o global e o local manifesta-se, por exemplo, na ampla circulação de padrões de fala associados a grandes centros urbanos, à mídia nacional e, mais recentemente, às redes digitais, espaços que tendem a difundir uma variedade de português frequentemente percebida como “neutra” ou como modelo de referência. Debord (1997) e Bourdieu (1996), três décadas atrás, não tinham ideia do alcance das redes sociais, que são um fenômeno relativamente recente. No entanto ambos desenvolveram conceitos teóricos — como a “sociedade do espetáculo” e o “capital simbólico” — que descrevem dinâmicas sociais mais amplas, relacionadas à visibilidade, ao prestígio e à legitimação social. As mídias sociais, nesse sentido, não criam essas dinâmicas, mas as potencializam e as tornam mais evidentes. Embora anteriores ao surgimento das mídias sociais, as reflexões de Debord (1997) e Bourdieu (1996) apresentam conteúdo teórico relevante para compreender as dinâmicas contemporâneas de visibilidade e prestígio, amplificadas no contexto digital. Trazendo tais reflexões para a modernidade, percebemos que essas dinâmicas têm possibilitado a projeção de indivíduos cuja visibilidade se ancora mais em estratégias de engajamento e performance discursiva do que na densidade de conteúdo, evidenciando a centralidade da lógica do espetáculo na contemporaneidade. Tal dinâmica tende a influenciar o público jovem (os seguidores), para quem essas figuras se tornam referências simbólicas, ainda que nem sempre associadas a conteúdos de maior profundidade intelectual.

As variedades regionais, no entanto, continuam presentes no uso cotidiano de uma boa parcela dos falantes, tendo preservados seus traços fonéticos, sintáticos e, sobretudo, lexicais, que refletem as especificidades de cada contexto sociocultural. Em contraponto, Louis-Jean Calvet (2002) observa que línguas e variedades socialmente prestigiadas normalmente desfrutam maior visibilidade e legitimidade simbólica, enquanto formas locais são, muitas vezes, marginalizadas ou relegadas ao campo do “folclore”. Ainda assim, tais formas não desaparecem por completo: elas persistem no cotidiano das comunidades, reinventam-se ao longo do tempo e, em muitos casos, passam a ser valorizadas como marcadores de identidade cultural.

No contexto brasileiro, evidencia-se essa dinâmica na tensão que se estabelece entre uma norma urbana culta de alcance nacional — frequentemente associada às grandes capitais do Sudeste — e as diversas variedades regionais do

português brasileiro. Bagno (2007) chama atenção para o modo como o discurso do “português correto” ou da “língua padrão” acaba alimentando práticas de preconceito linguístico que recaem, sobretudo, sobre falantes de regiões historicamente estigmatizadas, como o Norte e o Nordeste do país. Em uma crítica aos grandes meios de comunicação que tentam estabelecer um modelo linguístico homogêneo para o país, o autor enfatiza que:

[...] o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é “atrasado”, “pobre”, “subdesenvolvido” ou (na melhor das hipóteses) “pitoresco”, então, “naturalmente”, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim... Ora, faça-me o favor, Rede Globo! (Bagno, 2007, p. 42).

Segundo Bagno (2007), essas variedades regionais não constituem formas linguísticas inferiores, mas sistemas legítimos, dotados de regras próprias e profundamente vinculados às experiências culturais das comunidades que as utilizam. Sob esse viés analítico, ao se observar o léxico associado ao Maranhão, percebe-se que, a despeito das pressões homogeneizadoras exercidas pela escola, pela mídia e por outros mecanismos de difusão cultural, continuam circulando palavras, expressões e construções que remetem ao pertencimento local. Esses vocábulos, além de nomear aspectos da vida cotidiana, também reafirmam a maranhensidade como um modo particular e pitoresco de identificação diante da ideia abstrata de um “português nacional”. A pitoresquidade do maranhês se dá na altersemia de “sapatão, por exemplo, que, em terras gonçalvinas, tem o significado de “conjuntivite” (Cavalcante, 2025), na aglutinada “mermã⁴” ou ainda no onomatopaico “ri-ri⁵”.

Nessa perspectiva, o local não deve ser compreendido como um espaço “atrasado” em oposição a um global supostamente “moderno”, mas como um lugar onde se produzem significados, memórias e formas de pertencimento. Como argumenta Milton Santos (1996), o lugar constitui o espaço onde se materializam as experiências concretas da vida social, uma vez que reúne histórias, relações e práticas que dão sentido à existência coletiva. Assim, o lugar não pode ser

⁴ Minha irmã

⁵ Zíper

referenciado apenas como um ponto no mapa, na medida em que se configura um espaço de vivência, marcado pelas interações cotidianas e pelos modos particulares de se posicionar no mundo. Nessa perspectiva, a percepção que se tem de “lugar” é a de um centro de significação construído pela experiência (Tuan, 1977), sendo, portanto, mais do que uma localização geográfica — “*place is security, space is freedom*”⁶ (Tuan, 1977, p. 3). Diante disso, o Maranhão pode ser compreendido como um lugar formado por narrativas, práticas culturais e usos linguísticos que lhe conferem uma pleonástica “singularidade única”. É justamente essa singularidade que confronta e rivaliza com as dinâmicas globais de homogeneização cultural.

A maranhensidade, quando observada à luz da relação entre o global e o local, evidencia justamente essa dinâmica dupla. De um lado, os sujeitos maranhenses fazem parte de circuitos globais de informação, consumo e mobilidade, tendo acesso a produtos culturais provenientes de diferentes partes do mundo e se envolvendo em redes digitais que desconhecem as fronteiras espaciais. De outro, continuam realizando atividades profundamente enraizadas no território, como as festas populares, além de consumirem pratos típicos, envolverem-se em práticas religiosas e modos de falar que vinculam suas identidades a um lugar específico (Ferretti, 2010), como já mencionado. Nesse cenário, o léxico associado a essas práticas passa a ter um importante papel de marcador de pertencimento local. Mesmo quando essas palavras circulam em ambientes globalizados, como redes sociais ou produtos midiáticos, elas continuam evocando o território e as experiências culturais que lhes respalda o sentido. Este autor, por exemplo, com muita frequência, presencia falantes da variedade maranhês informando que “trabalham como quê”⁷, o que não pode ser considerado como “forma linguística inferior” (Bagno, 2007).

Como observa Hall (2006), o “local” não desaparece diante dos processos de globalização; ele se transforma e assume novas formas de presença e circulação. Em muitos casos, aquilo que é identificado como local passa inclusive a ser exibido e performado em circuitos globais de turismo, entretenimento e consumo cultural, como se vê nas festividades do Divino, na cidade de Alcântara-MA, por exemplo, que recebe um número considerável de turistas, mas, em sua maioria, não se

⁶ “o lugar configura a segurança; o espaço, a liberdade” (tradução nossa).

⁷ Como quê = bastante

deslocam àquela cidade em busca de amparo religioso, e, sim, movidos pela curiosidade pelo “diferente”. Esse fenômeno produz um movimento ambíguo. De um lado, certos traços culturais locais podem ser mercantilizados e convertidos em marcas ou produtos, frequentemente simplificados para atender às lógicas do mercado e do consumo. MacCannell (1976, p. 94) faz menção sobre a curiosidade pelo “diferente”:

Sightseers are motivated by a desire to see life as it is really lived, even to get in with the natives, and, at the same time, they are repelled by the idea of having their own life invaded in the same way. The touristic experience involves a kind of double movement: a search for authenticity combined with a structural inability to experience it directly. What is presented to the tourist is often a staged version of reality, organized for consumption⁸.

De outro, essas mesmas dinâmicas podem ampliar a visibilidade de práticas culturais que, em outros momentos históricos, permaneceriam restritos ao âmbito regional. Nesse cenário de tensões, o léxico associado à maranhensidade pode ser apropriado de forma estereotipada — reforçando imagens folclorizantes do Maranhão —, mas também pode ser alavancado pelos próprios maranhenses, como expressão de orgulho, pertencimento e afirmação identitária. Como exemplo dessa mercantilização, temos a empresa Vista Santê (CE/MA), que produz peças de vestuário em que estão impressos vocábulos e expressões do maranhês, cujas lojas estão localizadas em pontos de comércio sofisticados da cidade de São Luís.

⁸ Os turistas são motivados pelo desejo de ver a vida como ela realmente é vivida, inclusive de se integrar aos nativos, e, ao mesmo tempo, são repelidos pela ideia de ter a própria vida invadida da mesma maneira. A experiência turística envolve uma espécie de movimento duplo: uma busca por autenticidade combinada com uma incapacidade estrutural de experimentá-la diretamente. O que é apresentado ao turista é, frequentemente, uma versão encenada da realidade, organizada para o consumo (tradução nossa).

Figura 1: camisa da empresa Vista Santê



É nesse cenário complexo que se insere a investigação sobre o conhecimento do léxico como manifestação da maranhensidade. Ao examinar de que modo sujeitos maranhenses conhecem, utilizam e atribuem sentidos a vocábulos associados ao seu contexto sociocultural, torna-se possível observar como esses falantes se posicionam diante das forças globalizantes que tendem a promover certa uniformização das práticas linguísticas e culturais. Nessa perspectiva, o estudo do léxico maranhense não se limita à mera identificação de palavras ou expressões regionais: ele permite compreender a relação entre o global e o local na construção das identidades. Trata-se, portanto, de refletir sobre quais vocábulos permanecem em circulação, quais se enfraquecem ou desaparecem e quais se reinventam ao longo do tempo, bem como sobre as realidades sociais e simbólicas servem de base para esses processos.

Dessa forma, compreender a relação entre o global e o local torna-se fundamental para alocar a maranhensidade no mapa cultural das identidades contemporâneas. O local, nesse contexto, não deve ser referenciado como um vestígio inerte de um passado distante, uma vez que se trata de um espaço vivo, continuamente remodelado à medida que interage com fluxos culturais, econômicos e simbólicos de alcance global. É em virtude desse movimento que a língua — e, de maneira particularmente sensível, o léxico — demarca sua importância: nas palavras

utilizadas no cotidiano, tornam-se perceptíveis tensões que permeiam a vida social. As reflexões sobre o conceito de lugar, desenvolvidas na subseção seguinte (2.2), aprofundarão essa perspectiva, mostrando como a noção do espaço e da importância dos símbolos culturais contribui para a constituição da identidade maranhense e se projeta nas formas lexicais que circulam entre seus falantes.

2.2 Conceito de lugar

A discussão sobre as relações entre língua, identidade e maranhensidade requer que seja mais precisamente delimitado o que se entende por “lugar”. Atualmente, para as ciências humanas, o lugar deixou de ser pensado meramente como um ponto fixo no espaço geográfico e passou a ser compreendido como um espaço de construção social, histórica e simbólica. Nessa perspectiva, Lefebvre (2006) argumenta que o espaço — e, por extensão, o próprio lugar — é produzido socialmente, sendo o resultado de práticas cotidianas, de representações compartilhadas e das relações de poder que permeiam a vida coletiva. Assim, o lugar não pode ser entendido como um cenário neutro onde os acontecimentos simplesmente se desenrolam; ele constitui, antes, uma trama viva de relações que envolve sujeitos, objetos, memórias, afetos e discursos.

No espectro da geografia humanista, Tuan (1983) sugere uma importante distinção entre “espaço” e “lugar” e destaca que o lugar corresponde ao espaço vivido, apropriado pela experiência e pelos sentidos. Para o autor, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 1983, p. 6). Essa transição do espaço ao lugar está ancorada, portanto, em processos de atribuição de significado: o lugar, além de configurar uma porção do espaço físico, também é um espaço repleto de sentidos, em que se encontram memórias, histórias e vínculos de pertencimento. Com concepção semelhante, Relph (1976) ressalta a importância da experiência fenomenológica na constituição do lugar, chamando atenção para a noção de *insideness* — isto é, a sensação de estar “por dentro” de um lugar, de participar dele e reconhecê-lo como próprio — como um elemento fundamental para a

compreensão desse conceito. De acordo com esse autor (1976, p. 49), *“To be inside a place is to belong to it and to identify with it”*⁹.

Ao buscar orientações com autores brasileiros, encontramos Milton Santos (1996), que aprofunda essa discussão, compreendendo o lugar como o espaço em que se encontram o mundo e a experiência concreta dos indivíduos. Para o autor, o lugar constitui o ponto em que o global e o local se articulam (Santos, 1996), pois é nele que as dinâmicas mais amplas da economia, da técnica e da circulação global entram em contato com o cotidiano dos sujeitos. Assim, o lugar apresenta uma condição que é, ao mesmo tempo, singular e relacional: embora processos de alcance global sejam realizados dentro dele. E é também nesse mesmo espaço que formas específicas de adaptação, resistência e criação cultural são construídas. Essa perspectiva se relaciona diretamente com a discussão apresentada na subseção anterior (2.1), pois mostra evidências de que o lugar é uma categoria particularmente fecunda que possibilita a compreensão das tensões e negociações entre a globalização e as identidades locais.

Sob esse mesmo espectro reflexivo, Milton Santos (1996) destaca que não se pode compreender o lugar como uma realidade fechada ou isolada, e, sim, como um espaço constantemente atravessado por relações mais amplas que o conectam ao mundo. Para o autor, é no lugar que se concretizam, efetivamente, as dinâmicas globais da economia, da técnica e da circulação de informações, ao mesmo tempo em que práticas e experiências próprias das comunidades que nele vivem são preservadas. Sendo assim, os lugares não podem ser compreendidos como entidades inertes e estanques, mas como realidades em permanente construção, formadas pela confluência de fatos históricos, culturas e trajetórias sociais diferentes. Sob tal óptica, não se deve imaginar um Maranhão isolado ou “puro” quando se fala em maranhensidade, uma vez que se trata de um lugar que sofreu múltiplas influências étnico-históricas — indígenas, africanas, europeias e migratórias internas — e é continuamente atravessado por contatos com outras vertentes culturais. Diante dessa afirmação, percebe-se que o Maranhão apresenta-se menos como essência imutável e mais como processo histórico e cultural em permanente construção.

⁹ Estar dentro de um lugar significa pertencer a ele e identificar-se com ele (tradução nossa).

A antropologia e a geografia humana são áreas do conhecimento que auxiliam nessa reflexão, quando destacam que os lugares são formados a partir das relações sociais, das experiências compartilhadas e das memórias coletivas que neles estão inseridas. Nessa perspectiva, Milton Santos (1996) ressalta que o lugar corresponde ao espaço da vida cotidiana, onde se entrelaçam práticas sociais, identidades e histórias específicas, em contraste com os espaços onde predomina a lógica da circulação acelerada de pessoas, mercadorias e informações. No caso do Maranhão, festas populares, terreiros, praças, mercados, quebradas de coco babaçu, comunidades ribeirinhas e quilombolas configuram espaços carregados de significados, nos quais identidades coletivas são continuamente produzidas e reafirmadas — inclusive por meio de práticas linguísticas próprias. Durante a pesquisa para a construção do Estado da Arte para esta dissertação, foram encontrados diversos trabalhos acadêmicos na área de Terminologia cujos *loci* coincidiam com atividades permeadas de significados culturais, tais como a terminologia própria das quebradeiras de babaçu, do Baile de São Gonçalo, do candomblé, da juçara etc., corroborando Santos (1996).

As relações entre território e multiterritorialidade são discutidas por Haesbaert (2004), que chama atenção para o fato de que a sensação de pertencimento dos indivíduos raramente está vinculada a um único lugar. Em tempos atuais, em que intensos fluxos de mobilidade, informação e comunicação são uma realidade cotidiana, as pessoas costumam estabelecer vínculos com diferentes espaços e escalas territoriais ao mesmo tempo. Assim, as identidades são detentoras de múltiplas referências: o bairro, a cidade, o estado, a região, o país e, muitas vezes, também, comunidades estabelecidas em ambientes digitais. Ainda assim, determinados lugares marcam, afetiva e simbolicamente, com mais intensidade, as existências dos indivíduos (Relph, 1976). Para muitos maranhenses, o “lugar Maranhão” — seja como estado, cidade natal, zona rural ou mesmo um bairro específico — é eleito como a principal referência afetiva, na medida em que está permeado por práticas culturais, memórias coletivas e modos de falar que contribuem para a construção e o reconhecimento da maranhensidade.

Nesse contexto, o lugar pode ser compreendido como um ponto de convergência onde convivem memórias, experiências e repertórios simbólicos compartilhados. Quando o indivíduo expressa “terra natal”, “minha cidade”, “meu

bairro” ou “minha quebrada”, está expressando vínculos afetivos e reforçando sentidos de pertencimento. Como observa Hall (1992), as identidades frequentemente se estruturam em representações de lugar, como a nação, a região ou a comunidade local, as quais funcionam como instâncias de articulação entre o sujeito e o mundo social. O autor complementa com: “A identidade cultural não é uma essência fixa, situada fora da história e da cultura; ela é uma ‘posição’, algo que se constrói no interior das representações e das práticas culturais” (Hall, 1992, p. 16). Nesse sentido, o Maranhão, na condição de lugar ao mesmo tempo vivido e imaginado, congrega um repertório de imagens, símbolos e narrativas que dá aos sujeitos a possibilidade de afirmar quem são e de onde provêm seus discursos. Entre esses elementos, exerce um papel primordial o léxico característico associado à cultura maranhense, e é por meio dele que experiências históricas, práticas culturais e vínculos territoriais encontram expressão na linguagem.

O lugar carrega em si uma dimensão linguística que se torna particularmente evidente quando se observa que certas palavras, expressões e formas de nomear a realidade só adquirem pleno sentido em determinados contextos espaciais e culturais. Como destaca Biderman (2001), o léxico de uma língua funciona como uma espécie de “enciclopédia cultural”, em que estão registrados conhecimentos, experiências e práticas compartilhadas por uma determinada comunidade. Sob esse ponto de vista, muitos termos relacionados a culinária típica, manifestações religiosas, espécimes da fauna e da flora, instrumentos musicais ou práticas de trabalho têm grande vínculo com o território, pois remetem a paisagens, climas, histórias e modos de vida específicos. Assim, pode-se dizer que existe um verdadeiro léxico do lugar, e a língua é o elemento agregador que estabelece o vínculo entre os sujeitos e os territórios que habitam. Cavalcante (2025) aponta vários exemplos de verbetes que adquirem significados específicos no Maranhão, distintos dos do resto do país, como “praga”, “baladeira”, “balão”, “barata”, “cambada” etc¹⁰.

No caso específico da maranhensidade, o Maranhão não se configura apenas como um recorte geopolítico, mas como um espaço de significados compartilhados, continuamente reafirmados nas práticas discursivas do cotidiano. Verbetes

¹⁰ Praga = pernilongo; baladeira = rede de dormir; balão = rotatória em uma avenida; barata (pejorativo) = empregada doméstica; cambada = forma como se vendem caranguejos vivos, agrupados em três unidades.

exclusivos circulam nas conversas diárias como referências de um universo cultural comum. Do mesmo modo, expressões idiomáticas e gírias locais contribuem para delimitar fronteiras simbólicas de pertencimento: compreender e mobilizar esse repertório linguístico é uma forma de demonstrar familiaridade com o lugar e com suas referências culturais. Só o maranhense raiz consegue decodificar a jocosidade impregnada na expressão “Não, é pão!”¹¹ (Cavalcante, 2025), utilizada em contexto coloquial. Como lembra Pierre Bourdieu (1996), a competência linguística não está restrita ao domínio das regras gramaticais, mas envolve também o conhecimento dos usos socialmente reconhecidos como legítimos em determinados contextos ou “mercados linguísticos”. Seguindo essa linha de pensamento, pode-se afirmar que, no mercado linguístico maranhense, conhecer e utilizar certos vocábulos constitui uma maneira de se inscrever simbolicamente no lugar e de afirmar vínculos com a comunidade local.

Essas reflexões permitem afirmar que o lugar, além de ser o cenário onde se desenvolvem identidades, configura-se também como um componente constitutivo dessas próprias identidades. O lugar abriga afetos, memória, práticas materiais e simbólicas, ocupando a linguagem uma posição central entre elas. Investigar o conhecimento do léxico ligado à maranhensidade por jovens de 14 a 19 anos significa, portanto, investigar quanto o lugar Maranhão faz parte desses indivíduos, por meio de palavras que nomeiam o que é percebido como “daqui”, “nosso”, “do lugar”.

Consolidando-se essa compreensão de lugar — entendido como uma construção social, histórica, relacional e simbólica —, este trabalho busca destacar que a herança lexical associada à maranhensidade não pode ser dissociada do território e das experiências desenvolvidas dentro dele. É na convergência entre o espaço vivido, as práticas culturais e os usos da língua que o Maranhão se consolida como uma referência identitária para seus habitantes. E é nesse entrelaçamento cultural que o léxico revela-se como uma dimensão constitutiva da maranhensidade, pois é por meio das palavras que se tornam visíveis as relações entre memória, pertencimento e território.

Ao longo desta seção, apresentamos reflexões que evidenciam que o “lugar” configura-se uma complexa realidade em que experiências vividas, relações sociais

¹¹ Não, é pão! = sim, é o óbvio; é claro que sim

e processos históricos mais amplos se articulam. Contribuições da geografia humanista, da sociologia do espaço e dos estudos culturais — representadas por autores como Tuan (1983), Relph (1976), Santos (1996) e Haesbaert (2004) — permitem compreender o lugar como um espaço continuamente produzido nas relações entre sujeitos, territórios e fluxos globais, e não como entidade fixa ou isolada. Nessa perspectiva, a maranhensidade pode ser entendida como uma forma particular de inscrição identitária nesse lugar, e, no plano linguístico, interesse temático deste trabalho, a materialização da maranhensidade também se evidencia. O léxico do maranhês, ao integrar práticas culturais, experiências históricas e referências territoriais específicas, constitui um dos meios pelos quais essa relação entre lugar, identidade e linguagem se torna visível.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E REFERENCIAL TEÓRICO

A abordagem da língua como manifestação de identidade — e, de modo mais específico, a investigação do léxico como expressão da maranhensidade — insere-se no quadro teórico da Sociolinguística, que se consolidou a partir da segunda metade do século XX. Essa área do conhecimento faz um estudo descritivo do efeito de todos os aspectos da sociedade, incluindo as normas culturais, expectativas e o contexto — a maneira como a língua é usada — e os efeitos do uso da língua na sociedade, ou seja, a língua deve ser referenciada como sistema e como prática social, isto é, como um conjunto de recursos estruturais cujo funcionamento só fica evidente quando observado em uso, em contextos concretos de interação (Labov, 2008; Bortoni-Ricardo, 2004). Diferindo de perspectivas estritamente formalistas, a Sociolinguística enfatiza que a variação e a mudança linguísticas não são desvios ocasionais, e, sim, dimensões que fazem parte dos sistemas linguísticos, e é de maneira sistemática que essas variações se distribuem, relacionando-se a fatores sociais, estilísticos e situacionais que influenciam os usos distintos da língua.

Weinreich, Labov e Herzog (1968) foram vanguardistas quando, nos estudos da variação linguística, defenderam que a heterogeneidade linguística é estruturada. Em outras palavras, eles afirmaram que as diferenças observadas no uso da língua não devem ser interpretadas como erros ou desvios em relação a um modelo “idealizado”, mas como fenômenos regulares, organizados segundo padrões identificáveis de funcionamento. Com base nessa perspectiva, Labov (2008) desenvolveu o que passou a ser chamado de “Sociolinguística Variacionista”, cujo objetivo central é descrever e explicar a correlação entre formas linguísticas alternativas — as chamadas variantes — e variáveis sociais como idade, gênero, escolaridade, classe social ou origem regional. O foco de uma concepção abstrata de “língua ideal” é direcionado para a observação da fala efetivamente produzida pelos indivíduos, registrada em contextos reais em que interagem e submetida a procedimentos de análise quantitativa.

No Brasil, a Sociolinguística começou a ganhar maior visibilidade a partir da década de 1970, quando o modelo variacionista proposto por Labov (2008) passou a ser aplicado ao estudo da língua falada no Brasil. A partir de então, houve uma

profusão de pesquisas tentando demonstrar que fenômenos frequentemente apontados pela tradição normativa como sinais de “erro” ou “desvio” seguem, na verdade, padrões de funcionamento bastante regulares. Trabalhos de autores como Tarallo (1985), Mollica (2003), Scherre (1998) e Naro e Scherre (2007) evidenciam, por exemplo, que não é de maneira aleatória que a concordância verbal e a nominal sofrem variação, nem a maneira como os pronomes se comportam, muito menos a alternância entre determinadas formas verbais e nominais. Ao contrário, essas variedades de usos são sensíveis tanto a condicionamentos linguísticos quanto a fatores sociais que acompanham a vivência dos falantes. Nesse sentido, a Sociolinguística contribui para deslocar o olhar sobre a língua falada no Brasil: aquilo que, durante muito tempo, foi interpretado como “defeito” passou a ser compreendido como legítima diversidade interna do português.

Juntamente com a tradição variacionista proposta por Labov (2008), o campo da Sociolinguística passou a receber diferentes contribuições, o que ajudou a ampliar a compreensão das relações entre língua, sociedade e identidade. No Brasil, essa corrente de estudos ganhou densidade especialmente com os trabalhos de Tarallo (1985), cuja dedicação em aplicar e desenvolver o modelo variacionista no estudo do português brasileiro ganhou notoriedade. Em suas análises, esse autor reforça que os fenômenos de variação observados na fala — frequentemente interpretados pela tradição normativa como desvios — obedecem a padrões sistemáticos de funcionamento que podem ser creditados a condicionamentos linguísticos e sociais. Em outra direção, temos a Sociolinguística Educacional, que ganhou especial destaque no Brasil nos estudos de Bortoni-Ricardo (2004; 2014), procurando atrelar o conhecimento produzido pela Sociolinguística às práticas de ensino da língua materna. Quando reconhece que a variação é uma característica constitutiva das línguas, a Sociolinguística contribui para problematizar preconceitos linguísticos ainda presentes no ambiente escolar e para promover abordagens pedagógicas mais sensíveis à diversidade sociocultural dos alunos.

Apesar das diferenças de ênfase, essas vertentes sociolinguísticas convergem em pontos fundamentais:

- a) a língua é heterogênea e variável;
- b) essa variação não é aleatória, mas sistemática;

c) formas linguísticas diferentes estão associadas a valores sociais, identidades e relações de poder;

d) compreender a variação implica considerar, simultaneamente, aspectos estruturais, de um lado, e sociais, culturais e históricos, de outro.

No espectro desta pesquisa, o foco é a dimensão lexical da variação linguística. Embora uma parte significativa da tradição variacionista brasileira tenha se dedicado, principalmente, a fenômenos fonológicos e morfossintáticos, existem estudos que apontam que o léxico também apresenta comportamentos variáveis, associados a fatores regionais, sociais e culturais (Cardoso; Mota; Mollica, 2014). Essa constatação não é recente. Muito antes da Sociolinguística variacionista ser consolidada, a Geolinguística e a Dialetoлогия — áreas tradicionalmente voltadas para o estudo das diferenças regionais da língua — já mostravam, por meio dos atlas linguísticos, que o vocabulário constitui um dos campos de maior sensibilidade às particularidades locais. É justamente nesse terreno que muitas marcas de pertencimento regional se tornam mais visíveis, pois as palavras utilizadas pelos falantes estão permeadas de experiências históricas, práticas culturais e modos de vida próprios de cada comunidade.

A Sociolinguística contemporânea está cada vez mais entrelaçada com a Geolinguística e a Dialetoлогия, incorporando procedimentos desses campos de estudo para investigar variedades lexicais de determinadas regiões. Um exemplo expressivo dessa articulação encontra-se na elaboração de atlas linguísticos estaduais e nacionais, como o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que possibilitam mapear a distribuição de variantes lexicais em diferentes pontos do território e relacioná-las a características sociais dos falantes (Cardoso; Mota; Mollica, 2014). O Atlas Linguístico do Brasil – ALiB é um projeto nacional que reúne pesquisadores de várias universidades brasileiras e que constitui o mais amplo levantamento já realizado sobre a diversidade linguística do português no país, constituindo-se pela coleta, análise e interpretação de dados em diferentes regiões, o que fortalece a compreensão da variação linguística como elemento constitutivo da docência em língua portuguesa. No caso do Maranhão, estudos de natureza geossociolinguística e lexical têm permitido identificar não apenas unidades lexicais particulares da região, mas também diferenças internas que atravessam o estado — entre áreas urbanas e rurais, entre gerações ou entre grupos com distintos níveis de

escolarização. Como exemplo, temos o Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, que é um projeto estadual articulado ao ALiB, que busca descrever a realidade linguística maranhense em seus aspectos fonéticos, lexicais e morfossintáticos. Esse trabalho tem gerado materiais valiosos tanto para a pesquisa quanto para o ensino, além de favorecer a formação de estudantes de graduação e pós-graduação que participam ativamente das etapas de levantamento, análise e cartografia dos dados.

Nesse cenário, o Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) destaca-se como uma contribuição relevante, ao documentar, com riqueza de detalhes, o léxico do português falado no estado e evidenciar a diversidade linguística presente no território maranhense. Destarte, o Projeto ALiMA visa, por um lado, descrever a realidade linguística maranhense e, por outro, contribuir para a descrição do português falado no Brasil, tendo por objetivo principal:

[...] preencher as inúmeras lacunas relativas ao português falado no Maranhão e dar continuidade ao caminho traçado no Estado por estudiosos no século passado, contribuindo ora para desconstruir ideias cristalizadas e equívocos sobre o falar maranhense, ora para confirmar suposições feitas sobre esse falar, uma vez que a recolha de dados empíricos, resultado de pesquisa *in loco*, permitirá fazer afirmações com bases científicas sobre esse falar. Por outro lado, com a participação do Maranhão no Projeto ALiB, contribuiremos para a macrodescrição do português brasileiro (Ramos *et al.*, 2005, p. 254).

No que se refere à metodologia, a Sociolinguística variacionista estabelece um conjunto de procedimentos que orientam tanto a coleta quanto a análise dos dados linguísticos.

a) Definição clara do objeto de estudo e da variável linguística a ser investigada.

Deve-se delimitar com exatidão o fenômeno que se pretende observar, para que se possam identificar suas formas de ocorrência e os contextos em que ele se manifesta. No caso desta pesquisa, o foco recai sobre um conjunto de expressões associadas à maranhensidade — frequentemente identificadas no imaginário regional como parte do chamado maranhês. Essas expressões são apresentadas aos participantes por meio de um questionário de múltipla escolha, instrumento que permite verificar o grau de reconhecimento e de familiaridade dos informantes com esse repertório lexical, assim como a utilização dessas expressões.

b) Seleção da amostra e dos informantes.

A constituição da amostra sociolinguística deve procurar refletir, na medida do possível, a diversidade interna da comunidade investigada. Como destacam Labov (2008) e Bortoni-Ricardo (2004), a análise da variação linguística exige atenção a diferentes variáveis sociais que podem influenciar os usos da língua, entre elas a faixa etária, o sexo/gênero, o nível de escolaridade e a origem social ou geográfica dos falantes. Considerando esses princípios, os participantes desta pesquisa foram categorizados com base em um conjunto de variáveis sociolinguísticas específicas: (a) relação de origem ou tempo de vivência no Estado do Maranhão; (b) gênero; (c) idade, compreendida entre 14 e 19 anos; (d) nível de escolaridade, correspondente ao ensino médio; (e) condição social elevada, considerando que os informantes são estudantes de escola particular; e (f) inserção em contexto urbano.

c) Instrumentos de coleta de dados.

Nos estudos sociolinguísticos, a coleta de dados costuma utilizar diferentes instrumentos, dependendo da natureza do fenômeno a ser investigado. Um dos procedimentos mais comuns é a entrevista sociolinguística semidirigida, proposta por Labov (2008), em que o pesquisador procura criar condições favoráveis à produção de fala relativamente espontânea, ao mesmo tempo em que introduz questões capazes de estimular o aparecimento das formas linguísticas de interesse. No caso específico da variação lexical, também é bastante comum o emprego de questionários que envolvem identificação semântico-lexical, como listas de palavras ou estímulos visuais. Dependendo do resultado que se pretende atingir, esses instrumentos podem ser combinados. Nesta pesquisa, como já mencionado, optou-se pela aplicação de um questionário de múltipla escolha, elaborado com o objetivo de verificar o grau de conhecimento lexical dos participantes em relação a expressões associadas à maranhensidade.

d) Registro, transcrição e organização dos dados.

Em pesquisas sociolinguísticas, os dados de fala costumam ser registrados por meio de gravações em áudio — e, quando necessário, também em vídeo —, sendo posteriormente transcritos de acordo com as adequações de detalhamento requerido pela análise. Nos estudos focados no léxico, é igualmente importante organizar um banco de dados que reúna informações fundamentais sobre cada ocorrência registrada, como a forma lexical empregada, o contexto de uso e o perfil sociolinguístico do falante. A sistematização desses dados em tabelas ou planilhas

facilita tanto o tratamento quantitativo quanto a interpretação qualitativa dos resultados. No entanto, como o presente estudo se baseia em respostas obtidas por meio de questionário de múltipla escolha, não houve necessidade de realizar procedimentos de gravação ou transcrição de fala espontânea.

e) Análise quantitativa e interpretação qualitativa.

Como orientado na Sociolinguística variacionista, a análise quantitativa é um dos procedimentos mais importantes, pois permite observar como determinadas variantes se distribuem em função das variáveis sociais e linguísticas consideradas. Atualmente, esse tipo de análise é realizado com o auxílio de softwares estatísticos, que possibilitam identificar padrões de ocorrência e correlações entre formas linguísticas e características dos falantes. Apesar disso, Mollica (2003) e Bortoni-Ricardo (2004) nos lembram que os números, por si só, não são suficientes para se realizar a interpretação sociolinguística. É necessário aplicar sobre eles uma leitura qualitativa que considere os valores simbólicos atribuídos às diferentes formas, bem como as representações que os falantes constroem em relação a elas. Pesquisas que têm por foco o léxico e a identidade regional dão a essa dimensão interpretativa um papel relevante, uma vez que as escolhas lexicais costumam estar associadas a sentimentos de pertencimento, prestígio ou mesmo identificação cultural.

Além da corrente variacionista, este trabalho também busca fundamentação na sociolinguística de caráter crítico, que ressalta as relações de poder implicadas nas práticas linguísticas. Nesse viés reflexivo, Bourdieu (1996) destaca que a língua, além de se constituir como um sistema de signos destinado à comunicação, também se configura como um espaço de disputa simbólica, onde determinados modos de falar recebem o carimbo de “legitimados” ou “prestigiados”, enquanto outros acabam sendo desvalorizados ou estigmatizados. No contexto brasileiro, essa discussão se torna relevante nos trabalhos de Bagno (2007), que critica o preconceito linguístico ainda presente na sociedade e no próprio sistema educacional, tendo, na mais das vezes, seu foco direcionado contra variedades populares e regionais do português, entre elas, voltamos a reiterar, as falas associadas ao Nordeste. Ao tomar o maranhês por norte da investigação, esta pesquisa insere-se justamente nesse contexto da crítica mencionada e busca contribuir para a valorização da diversidade linguística e para a reflexão sobre a importância dessa variedade para a identificação de seus falantes com a maranhensidade.

Em termos metodológicos, a adoção dessa perspectiva crítica significa transpor o aspecto descritivo das formas lexicais, tornando-se necessário considerar as atitudes e percepções dos próprios falantes em relação a essas formas. Garrett (2010) observa que crenças e atitudes linguísticas exercem influência significativa sobre os usos efetivos da língua. De acordo com o valor simbólico que é atribuído a certos vocábulos ou expressões, eles podem ser progressivamente abandonados por estarem socialmente estigmatizadas ou, em sentido oposto, reafirmados pelos falantes como marcas de pertencimento e orgulho identitário. Podemos exemplificar com o termo “barata”, que, no maranhês, tem o pejorativo significado de “empregada doméstica” (Cavalcante, 2025), e existe a possibilidade de não mais fazer parte do repertório de grande parcela da população maranhense por causa desse estigma de ser um termo com carga preconceituosa.

Nesse sentido, os fundamentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística abordados neste capítulo vão ao encontro de um objetivo central: compreender o maranhês não apenas como um conjunto de palavras, mas como um fenômeno que se insere na esfera linguística e social. Ao reconhecer que a língua é sistematicamente heterogênea e que esse contexto linguístico se relaciona com identidades, valores e práticas culturais, torna-se possível ampliar a perspectiva com que se observa o léxico, pois o uso de determinados vocábulos associados à maranhensidade deixa de ser reconhecido como uma mera escolha linguística isolada e passa a ser entendido como uma forma de expressar pertencimento, memória cultural e identificação com o lugar. Ou seja, o léxico é a via pela qual as práticas de linguagem reverberam a maranhensidade. Foi justamente a indagação sobre quanto dessa maranhensidade linguística ainda permanece no repertório do público jovem que motivou o desenvolvimento desta pesquisa.

A subseção seguinte (3.1) trata especificamente da variação lexical, aprofundando essa discussão, ao focalizar o léxico como elemento privilegiado onde estão guardadas as experiências, os saberes e as identidades locais.

3.1 Variação lexical

Um dos elementos mais prolíficos que possibilita a observação das relações entre língua, cultura e identidade é a variação lexical. Ao longo do tempo, os

aspectos estruturais de uma língua costumam sofrer um baixo nível de variação, no entanto o léxico mostra-se muito mais suscetível a transformações históricas e a contatos interculturais e às especificidades socioculturais das comunidades que o utilizam (Biderman, 2001; Coseriu, 1979). É no uso das palavras que muitas dessas mudanças se tornam mais visíveis, pois cada grupo social cria, preserva ou abandona palavras de acordo com suas necessidades comunicativas e com a realidade coletiva. Portanto o léxico de uma comunidade pode ser visto como um espaço privilegiado em que está encravada sua experiência histórica e cultural.

Ao tratar do léxico como uma verdadeira “enciclopédia cultural” da língua, Biderman (2001) afirma que as unidades lexicais não se limitam a referenciar objetos ou outros elementos do cotidiano. Elas registram saberes, crenças, valores e práticas da sociedade, constituindo, assim, um patrimônio simbólico compartilhado por uma comunidade, como, por exemplo, o termo do maranhês “surulina”, que é o nome de uma ave com poucas penas na região traseira, mas que ganha a acepção de mulher com cabelo curto demais (Cavalcante, 2025). Metáforas semelhantes são compartilhadas e compreendidas somente dentro dos grupos sociais que as criaram e lhes deram legitimidade. Nessa perspectiva, a variação lexical não pode ser compreendida como um mero inventário de sinônimos ou de curiosidades regionais. Na verdade, ela demonstra diferentes maneiras de organizar e interpretar a realidade, refletindo modos diversos de perceber o mundo e de se relacionar com o lugar. Assim, quando encontramos palavras diferentes que são usadas para designar um mesmo referente — seja um alimento, um utensílio, um fenômeno natural ou uma prática cultural — estamos diante de marcas linguísticas permeadas de trajetórias históricas, contatos entre povos e processos de formação de uma identidade. No maranhês, pode-se exemplificar esse fenômeno com o substantivo “japonesa”, que, além de designar o gentílico feminino referente ao país asiático, ganha também a acepção de chinelo de dedo de borracha. Da mesma forma, temos “padaria”, que, em terras maranhenses, também significa nádegas voluptuosas (Cavalcante, 2025).

Figura 2: exemplo de variação lexical



Fonte: Governo do Estado do Espírito Santo, Material Estruturado, Língua Portuguesa.

A tirinha evidencia, de forma bem-humorada, a variação lexical existente no português brasileiro, especialmente no que se refere à denominação de um mesmo referente — a raiz conhecida como mandioca. As diferentes formas utilizadas pelos personagens (“aipim”, “mandioca” e “macaxeira”) refletem marcas regionais de uso e demonstram que a língua não é homogênea, mas constituída por múltiplas variantes. No contexto maranhense, por exemplo, o uso de determinadas variantes lexicais funciona como marcador identitário, permitindo reconhecer pertencimentos sociais e regionais. Assim, a variação linguística não representa erro ou desvio, mas, sim, uma característica intrínseca às línguas naturais, conforme apontam os estudos sociolinguísticos.

A língua, por ser uma prática social, caracteriza-se por seu dinamismo e por sua contínua modificação ao longo do tempo. Nesse sentido, a variação lexical, como manifestação desse dinamismo, não constitui um fenômeno isolado, mas uma característica inerente às línguas naturais. Estudos sociolinguísticos demonstram que diferentes formas lexicais podem coexistir em um mesmo repertório linguístico, sendo algumas progressivamente difundidas, ressignificadas ou até abandonadas, de acordo com as condições sociais, históricas e comunicativas (Labov, 2001). Esse abandono das palavras acontece com mais frequência com as gírias, que têm “prazo de validade” mais curto (Eble, 1996). Nessa perspectiva, palavras e expressões associados a determinados contextos culturais — especialmente aqueles vinculados a modos de vida em transformação — podem perder vitalidade de forma gradual e

ficar restritas a grupos específicos ou mesmo desaparecer. A “reconfiguração” de uma língua é um processo contínuo, em que a renovação do léxico acompanha as mudanças, evidenciando que a permanência ou a erradicação de determinadas formas linguísticas está diretamente relacionada à frequência com que a comunidade de fala faz uso delas (Calvet, 2002).

Esta pesquisa não busca decretar se o maranhês já pode ser considerado variante extinta, mas, sim, tentar quantificar o que remanesce de conhecimento e uso da língua atávica do Maranhão pelos indivíduos mais jovens, uma vez que é deles a responsabilidade de perpetuar esse traço cultural tão importante da maranhensidade. Como exposto, a variação é um processo natural da língua, e, empiricamente, este autor, com seus atuais sessenta anos, tem notado que o maranhês vem perdendo vitalidade em comparação com sua vivência pretérita. Até quando vai a sobrevivência da variante maranhês é uma informação impossível de cravar, mas o desinteresse dos órgãos oficiais pela vertente linguística da cultura pode contribuir para selar seu destino mais rapidamente.

Diante desse quadro é que surgiu o interesse de averiguar o conhecimento de jovens quanto ao maranhês. É relevante que os perpetuadores do legado cultural tenham domínio sobre a língua associada ao Maranhão, que, por ser um lugar plural, reúne uma série de práticas culturais singulares — como o Bumba Meu Boi, o Tambor de Crioula, as festas juninas locais, as religiosidades de matriz afro-indígena, a culinária baseada em produtos como o arroz, o peixe, o camarão, o babaçu, entre outros — que se refletem diretamente em seu léxico. E é esse repertório lexical que indexa o pertencimento ao lugar Maranhão. Conhecer e usar esses termos significa, em muitos casos, “ser de dentro”, partilhar da experiência local.

Do ponto de vista sociolinguístico, a variação lexical maranhense pode manifestar-se em diferentes planos:

a) na concorrência entre vocábulos locais e termos de circulação nacional para um mesmo referente (atraca, bisca, cacunda, chamató, chila, coíra¹², etc.);

¹² **Atraca (ou “traca”)**: tiara, adorno em forma de arco usado para prender o cabelo; **bisca**: golpe aplicado com a mão aberta resvalando, mais com intenção de chamar a atenção do que de agredir. Geralmente, as biscoas são aplicadas na cabeça; **cacunda**: os ombros; **chamató**: tamanco de madeira; **chila**: maconha; **coíra**: preguiça, indisposição (Cavalcante, 2025).

b) na existência de diferentes variantes internas ao próprio Maranhão (entre capital e interior, entre regiões distintas do estado, entre zonas rurais e urbanas, como *calango*, *labigó* e *carambolo*, por exemplo);

c) na diferença entre conhecimento passivo (reconhecer e compreender um termo) e uso ativo (empregar efetivamente esse termo na fala).

Investigar a riqueza lexical, nesse contexto, implica não apenas fazer uma lista de palavras tidas como “maranhenses”, mas observar como elas circulam em diferentes grupos sociais, em que situações são usadas ou evitadas, que valores lhes são atribuídos. Como lembram Cardoso, Mota e Mollica (2014), a análise da variação lexical deve lançar mão de procedimentos quantitativos — mapeamento da frequência e da distribuição das variantes — e qualitativos — interpretando os sentidos simbólicos e identitários que estão envolvidos nas escolhas lexicais.

Por fim, é importante frisar que a variação lexical não deve ser compreendida como um fenômeno subjacente, e, sim, como um dos elementos centrais de articulação entre língua e identidade. Ao dar visibilidade ao léxico, este trabalho busca evidenciar como a maranhensidade se atualiza e se manifesta por meio dos falantes e suas escolhas vocabulares, revelando, ao mesmo tempo, continuidades e mudanças diante das pressões externas que almejam a homogeneização e a adoção dos modelos linguísticos de “prestígio”.

4 MARANHÊS, MARANHENSIDADE E FORMAÇÃO CULTURAL

Muito mais que um simples meio de comunicação, a língua é um espelho fiel da cultura, da história e das interações sociais de um povo. No Maranhão, um estado no Nordeste do Brasil, o "maranhês" — como é popularmente chamado o jeito único de falar dos seus moradores — é uma prova viva dessa riqueza. É uma variante singular do português brasileiro, carregada de características no vocabulário e na pronúncia, que revelam a complexidade cultural do estado.

Como qualquer variante linguística, sua função primordial é conectar as pessoas ao seu lugar e à sua cultura, construindo um sentimento de identidade e pertencimento coletivo. É claro que o maranhês não é uma "língua dentro do português", mas suas particularidades — especialmente as lexicais — o elevam a um patamar de singularidade em relação a outras comunidades brasileiras.

Não é possível falar de particularidades linguísticas sem mergulhar em seu contexto histórico e sua relevância sociolinguística no Brasil. O maranhês registra traços fonéticos, morfológicos e sintáticos que o diferenciam de outras variedades do português faladas em território nacional. Tais especificidades podem ser compreendidas como reflexo de sua formação histórica e cultural multifacetada, uma vez que, conforme apontam os estudos sociolinguísticos, as variedades linguísticas se constituem a partir das condições sociais, históricas e culturais das comunidades de fala (BORTONI-RICARDO, 2004; BAGNO, 2007).

A própria UNESCO (2002) reconhece a importância das variações linguísticas para o desenvolvimento humano, a afirmar que as línguas são veículos de identidade cultural, de valores éticos e de formas de expressão e que a diversidade linguística é essencial para o desenvolvimento sustentável e a paz.

Desde o início da colonização portuguesa, no final do século XVI, a cultura maranhense vem absorvendo influências marcantes. A chegada de diferentes povos que se juntaram aos nativos indígenas gerou um sincretismo cultural sem igual no Brasil. Ao lado de etnias como tupinambás, guajajaras e tremembés, passaram a conviver lusitanos que aqui se estabeleceram (MEIRELES, 2001; VIVEIROS, 1954). As primeiras levas de caravelas só traziam homens de Portugal para cá, não era permitida a presença feminina nas embarcações. Sem

mulheres de sua terra, esses desbravadores começaram a se relacionar com as nativas, contato esse que estreitou laços entre os povos e, conseqüentemente, entrelaçou suas culturas.

Essa troca cultural significou que parte da cultura indígena foi absorvida pelos colonizadores europeus, que, por sua vez, também influenciaram o modo de vida dos nativos. Infelizmente, para as comunidades indígenas, essas mudanças culturais — como a adoção de elementos da cultura europeia, como língua, religião e práticas sociais — muitas vezes resultaram em processos de aculturação com conseqüências desastrosas. Galvão (1979) destaca que muitos elementos dos portugueses foram adotados pelos indígenas, desde instrumentos de ferro, armas de fogo, até doenças. O autor vai além, denunciando como a dominação europeia teve uma influência determinante para o substrato cultural resultante:

A cultura brasileira é o produto híbrido da dominação europeia sobre os povos nativos da terra, mas também da resistência silenciosa e persistente dos indígenas. A língua portuguesa, ao se instalar como idioma dominante, não o fez sem carregar traços dos falares nativos, dos modos de ver o mundo, das práticas sociais enraizadas nas aldeias. A resultante cultural desse encontro não foi uma simples sobreposição, mas uma complexa fusão assimétrica, em que o colonizador impôs, mas também absorveu. Os vocábulos, os mitos, os gestos e os ritmos dos primeiros habitantes deixaram marcas profundas no que hoje chamamos de “brasilidade” (Galvão, 1979, p. 82).

Posteriormente, no final do século XVII, houve a chegada forçada dos negros africanos escravizados, com uma expansão significativa nos dois séculos seguintes. A influência cultural e linguística dos africanos contribuiu profundamente para a cultura maranhense, perceptível em diversos aspectos da vida social e cultural, como a música, a dança, a culinária, a religião, as tradições e, é claro, a linguagem.

Já no século XIX, com o auge da produção algodoeira, o Maranhão se tornou um polo atrativo para comerciantes dessa *commodity*, o que atraiu outro povo para o estado: os árabes, comerciantes natos. A presença da comunidade árabe na composição cultural do Maranhão — provenientes de regiões do antigo Império Otomano, especialmente do atual Líbano, da Síria e da Palestina — tem raízes históricas. Ao chegarem, eles se envolveram em diversas atividades econômicas,

principalmente o comércio, e desempenharam um papel relevante no desenvolvimento econômico e cultural da região, incluindo as contribuições para a formação linguística (VIVEIROS, 1954).

Como se pode observar, a formação cultural do Maranhão, até o século XIX, foi diretamente influenciada por quatro povos distintos e principais: indígenas, lusitanos, africanos e árabes. Essa mistura contribuiu para a formação de um contexto cultural híbrido e diversificado, cunhado de "maranhensidade". É evidente que, além dos múltiplos elementos que compõem a cultura de uma sociedade, sua língua é um dos mais marcantes. No caso do Maranhão, o modo de falar de seu povo tem características únicas, principalmente no que diz respeito à riqueza de vocábulos. SOUSA, SILVA e BEZERRA (2015, p. 299) ressaltam a importância dessa fusão cultural para a variedade linguística maranhense:

[...] as características linguísticas dos negros africanos e dos povos indígenas foram relevantes para as formações histórica, social e linguística do Maranhão, evidenciando que a variedade da língua presente no estado não depende de uma só língua (o português), mas de outras que ajudaram a construir a identidade linguística desta região.

É importante ressaltar aqui que este estudo se restringe a aspectos vocabulares, não considerando peculiaridades fonéticas como a cadência rítmica e a pronúncia atávica em algumas regiões do estado, principalmente na Baixada Maranhense.

Também é fundamental frisar que a forte influência das línguas indígenas — especialmente do tupi e outras presentes no território maranhense — contribuiu para a formação do léxico regional (puba, cuxá, janambura, muquira¹³ etc.). A presença de comunidades quilombolas também trouxe elementos únicos à variedade linguística, incluindo termos de origem africana e estruturas gramaticais

¹³ Puba = farinha de mandioca amarela granulometricamente maior que a farinha branca; cuxá = creme à base de folhas de vinagreira (uma planta de sabor levemente ácido), que é misturado com ingredientes como camarão seco, gergelim torrado, farinha de mandioca, cebola, alho e temperos, com sabor agridoce e marcante; janambura = dizem que se trata de um pássaro extinto, no entanto este autor não achou registros da tal ave. Por isso se criou a expressão “no tempo da janambura”, que quer dizer “antigamente”, aliás, “muito antigamente”, talvez tão antigo quanto “no tempo do ronca” (Cavalcante, 2025); muquira = rede de dormir.

que enriquecem o maranhês (cacunda, quizilha, quitanda¹⁴ — esta última popularizada em grande parte da Região Nordeste).

No plano cultural, o Maranhão constitui um espaço de densas tradições populares, muitas delas reconhecidas nacionalmente, como o bumba meu boi, o tambor de crioula, a Festa do Divino, o cacuriá, entre outras (Fernandes, 2002; Abreu, 2011). Essas manifestações, além de serem espetáculos artísticos, são também modos de organizar o tempo social, de partilhar crenças e de afirmar pertencimentos comunitários. Em cada uma delas, o léxico desempenha papel fundamental: nomes de grupos, de sotaques do boi, de personagens, de instrumentos, de passos de dança, de comidas e bebidas consumidas nos festejos compõem um vocabulário específico, que constitui um verdadeiro “catálogo de palavras” ligado à maranhensidade.

A culinária maranhense é outro campo privilegiado de expressão cultural e de criação lexical. Pratos como o arroz de cuxá, tarioba, juçara, sururu, entre tantos outros, implicam não apenas receitas, mas modos de produzir, preparar e compartilhar alimentos — práticas que se traduzem em nomes, expressões e fórmulas linguísticas próprias (Freyre, 2003; Cascudo, 2004). Muitos desses termos são de difícil tradução literal para outras variedades do português, pois remetem a ingredientes, técnicas e contextos sociais específicos do Maranhão. Assim, o léxico referente às atividades culinárias no Maranhão configura-se também como marcador identitário: conhecer esses nomes, saber distingui-los e utilizá-los adequadamente é uma forma de “pertencer” simbolicamente ao lugar. O desconhecedor desse vocabulário pode ter uma grande surpresa ao tomar uma dose de cachaça de “jambu¹⁵”, um símbolo da cultura maranhense¹⁶. O léxico do maranhês é uma “criação” linguística cujo uso se manteve exclusivo pelos maranhenses. Em nenhum outro estado do país, por exemplo, um homem homossexual entende ter sua masculinidade questionada ao ser chamado de “qualira¹⁷”, termo que, segundo

¹⁴ Cacunda = os ombros; quizilha = arrelia, gastura, mal-estar, geralmente, em decorrência de ruídos estridentes; quitanda = comércio pequeno mantido por membros da mesma família.

¹⁵ O **jambu** é uma planta amazônica comestível, conhecida pelo efeito de formigamento na boca.

¹⁶ O Maranhão ocupa geograficamente uma área chamada de “Meio-Norte”, recebendo influências do Nordeste, região da qual faz parte, e do Norte, uma vez que grande parte de seu território é ocupado pela Amazônia Legal. O jambu é também um símbolo identitário do Estado do Pará.

¹⁷ Homossexual masculino

Cavalcante (2025), tem sua origem relacionada às antigas festas de carnaval na Ilha de São Luís.

Do ponto de vista da espacialidade, a maranhensidade também se ancora em uma rede de lugares densos de significados — bairros, povoados, ilhas, rios, mercados, terreiros e praias — que estruturam a experiência social dos sujeitos (Santos, 1996; Tuan, 1983). Cada um desses lugares tem seus topônimos específicos, que compõem um léxico geográfico carregado de afetos e memórias (Tauá-Mirim, Juçatuba, Quebra-Pote, Panaquatira, Pericumã, Bacanga etc.). A nomeação de ruas, praças, povoados e comunidades (Rua da Inveja, Beco do Quebra-Bunda, Beco da Bosta, Fonte do Ribeirão, Praça da Alegria, Rua dos Afogados) é um ato de grande simbolismo que miscigena a história do lugar com a língua (Haesbaert, 2004; Lefebvre, 2006). Desse modo, o maranhês se tece também a partir de um vocabulário toponímico que materializa a relação entre sujeitos, território e memória.

Como discutido anteriormente, o fenômeno da globalização e dos fluxos midiáticos intensificados influenciou contextos sociais no mundo inteiro, e o Maranhão não fugiu à regra. O fato de o maranhês conviver com outras variedades do português brasileiro e com léxicos de circulação nacional e internacional não implica simplesmente substituição do local pelo global, mas produz uma dinâmica complexa de hibridização, resistência e resignificação (Hall, 1992). Jovens maranhenses, por exemplo, podem incorporar gírias veiculadas pela televisão, pela música ou pelas redes sociais, ou, num movimento de resistência, podem reafirmar expressões consideradas “da terra”. Nesse jogo de disputa cultural, o maranhês se atualiza, como preconiza Labov (2001), preservando alguns elementos, abandonando outros e criando novos, em um processo contínuo de mudança lexical.

É mister salientar que o maranhês, como todas as línguas, não é homogêneo em todo o território maranhense. As condições históricas e socioeconômicas desiguais entre capital e interior, entre zona urbana e rural, entre diferentes regiões do estado (Baixada, Lençóis, Mearim, Sul do Maranhão etc.) produzem variações internas significativas, tanto nos aspectos fonéticos e sintáticos quanto no que se refere ao léxico (Cardoso; Mota; Mollica, 2014). Além disso, fatores como classe social, gênero, escolaridade e geração influenciam o modo de falar dos indivíduos, logo não se pode falar em “um” maranhês, mas em uma maranhensidade linguística

multifacetada. Antunes (2009) atenta para o fato de que a variação linguística é um fenômeno natural. Segundo o autor (2009, p. 22):

Pensar numa língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (principalmente daquelas de meios rurais ou de classes sociais desfavorecidas) e que tem confundido, há séculos, os professores de língua.

Apesar dessa variação interna, existe um conjunto de elementos — entre eles, vocábulos e expressões específicos — que costumam ser reconhecidos pelos próprios falantes como “modo de falar maranhense”, funcionando como identidade regional (eu tô é tu, vou te dá-le, roseta, rendengue, canhenguice¹⁸ etc.).

É essencial reconhecer que o maranhês não se trata de um conjunto de elementos objetivos defendidos pela Sociolinguística, e, sim, um objeto de representação para os próprios falantes. Como mostram estudos de atitudes linguísticas (Preston, 1999; Garrett, 2010), os sujeitos constroem imagens sobre a própria fala e a fala dos outros, avaliando-a como “bonita”, “feia”, “engraçada”, “errada”, “da roça”, “da cidade”, “da capital”, “do interior”. Para ilustrar esse fato, Sousa, Silva e Bezerra (2015, p. 297) trazem uma situação que demonstra o desprezo que indivíduos menos esclarecidos têm por sua língua:

Uma pesquisa etnográfica realizada por Auxiliadora Coelho, em 1998, no sertão de Pernambuco, ilustra essa realidade que podemos chamar de preconceito linguístico. Na pesquisa, os moradores de Belém de São Francisco foram interrogados sobre quais brasileiros falam o português mais bonito, se os paulistas ou os nordestinos. Responderam “que a fala do nordestino é muito mais feia, muito mais desagradável e deselegante que a do paulista, evidentemente”.

No caso do Maranhão, é possível que a comparação com variedades de maior prestígio nacional, associadas ao eixo Sudeste desencadeie tanto o orgulho

¹⁸ **Eu tô é tu** = expressão que é uma maneira de desaprovar ação cometida por alguém; **vou te dá-le** = vou te agredir; **roseta** = brinco; **rendengue** = região das costas onde se iniciam os glúteos; **canhenguice** = avareza.

pela singularidade local quanto o sentimento de estigma (Bagno, 2007; Faraco, 2008). O modo como os maranhenses percebem e avaliam seu próprio léxico é, portanto, parte constitutiva das raízes culturais do maranhês.

Desse modo, o maranhês deve ser compreendido não como uma entidade linguística homogênea ou rigidamente delimitada, mas como um conjunto de práticas e representações construídas socialmente pelos próprios falantes. Nesse processo, o léxico — foco deste trabalho — assume papel central, por constituir um dos espaços mais visíveis e compartilhados de expressão da maranhensidade linguística. É por meio das palavras — que nomeiam experiências, práticas culturais, afetos e modos de vida — que se materializam as relações entre língua, identidade e cultura no contexto maranhense. Assim, investigar o léxico do maranhês significa, em última instância, acessar formas de percepção do mundo, de organização da realidade e de construção simbólica do pertencimento, o que justifica sua escolha como objeto privilegiado desta pesquisa e orienta os conteúdos a serem desenvolvidos nos capítulos seguintes.

5 METODOLOGIA

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados para a investigação do conhecimento e o uso do léxico associado à maranhensidade entre jovens de ensino médio, com foco na variação lexical e nas relações entre língua e identidade. A pesquisa insere-se no campo da Sociolinguística, assumindo a língua como prática social e a variação como fenômeno sistemático, correlacionado a fatores sociais e situacionais (Labov, 2008; Bortoni-Ricardo, 2004).

5.1 Tipo de pesquisa e abordagem

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de natureza descritivo-interpretativa, com abordagem quanti-qualitativa. De um lado, busca-se quantificar o grau de conhecimento e de uso de determinadas expressões do maranhês, por meio da análise estatística simples das respostas fornecidas; de outro, procura-se interpretar qualitativamente esses dados à luz de conceitos como identidade, lugar e maranhensidade. Essa combinação é coerente com a tradição sociolinguística, que sugere procedimentos quantitativos à interpretação social e discursiva dos fenômenos linguísticos (Cardoso; Mota; Mollica, 2014).

5.2 Participantes e critérios de seleção

Os participantes da pesquisa são jovens na faixa etária de 14 a 19 anos, estudantes da escola COC, localizada na cidade de São Luís, Maranhão. A escolha desse recorte etário está em consonância com o interesse em observar práticas linguísticas de uma geração fortemente atravessada (e influenciada) por fluxos informacionais midiáticos nacionais e globais, o que torna particularmente relevante investigar a manutenção, a transformação ou o enfraquecimento de repertórios lexicais regionais (Garrett, 2010).

Seguindo orientações da Sociolinguística variacionista, que enfatiza a importância de explicitar os critérios de estratificação social dos informantes (Labov, 2008; Bortoni-Ricardo, 2004), estabeleceu-se, no início do questionário, um filtro

identitário relativo à relação dos participantes com o Maranhão. Cada respondente deveria assinalar uma, e apenas uma, das seguintes opções:

- a) Sou maranhense;
- b) Não sou maranhense, mas moro aqui há mais de dez anos;
- c) Não sou maranhense e moro aqui há menos de dez anos.

Esse procedimento teve por objetivo garantir maior fidedignidade na análise da maranhensidade linguística, uma vez que o conhecimento e o uso de léxico regional estão diretamente relacionados ao enraizamento espacial e à experiência de vida no lugar (Tuan, 1983; Santos, 1996). Assim, considerou-se que sujeitos nascidos no Maranhão ou residentes há mais de uma década no estado teriam maior probabilidade de contato sistemático com o maranhês, seja em contextos familiares, escolares ou comunitários.

Com vistas à consistência dos dados, as respostas dos participantes que marcaram a opção (c) — “Não sou maranhense e moro aqui há menos de dez anos” — não foram consideradas para fins estatísticos. Esse tipo de recorte é compatível com práticas de amostragem em estudos sociolinguísticos que buscam controlar, tanto quanto possível, o fator “tempo de exposição” à variedade em foco (Cardoso; Mota; Mollica, 2014).

5.3 Instrumento de coleta de dados

O instrumento utilizado foi um questionário estruturado, elaborado e aplicado por meio da plataforma Google Forms. O uso de questionários é recomendado em estudos da Sociolinguística, principalmente quanto aos aspectos de atitudes e repertórios linguísticos, ainda mais quando se pretende acessar, em escala relativamente ampla, informações sobre conhecimento lexical, preferências de uso e autoavaliações dos falantes (Garrett, 2010; Preston, 1999). A opção por um formato digital está em consonância com práticas contemporâneas de pesquisa nas Ciências Humanas, que têm utilizado ferramentas on-line pela facilidade de distribuição, registro e organização automática das respostas (Cohen; Manion; Morrison, 2011).

O questionário foi organizado em duas partes principais:

a) Parte sociodemográfica e identitária

Solicitou informações relativas à idade e ao gênero (“masculino”, “feminino” e “prefiro não responder”) e, sobretudo, à relação do participante com o Maranhão (as três opções supracitadas). Esses dados possibilitam caracterizar o perfil da amostra e, se necessário, cruzar informações sobre conhecimento lexical com variáveis sociais, em consonância com a perspectiva de que a variação linguística é correlacionada a fatores externos à língua (Labov, 2008; Bortoni-Ricardo, 2004).

b) Parte lexical

Nessa seção, foram apresentadas dez expressões consagradas do maranhês, selecionadas aleatoriamente da obra *“Do you speak maranhês”* (Cavalcante, 2025), que apresenta 106 inserções no capítulo “Expressões”. Para cada expressão questionada, apresentaram-se ao participante quatro significados ou sinônimos, no sistema de múltipla escolha. Caso não soubesse o significado da expressão apresentada, o participante teria uma quinta opção a ser marcada: “Não sei”.

Cada questionamento sobre o significado de uma expressão era seguido de outra pergunta, em que o participante deveria marcar “sim” ou “não”: “Mesmo que você saiba o significado da expressão ‘tal e tal’, você a utiliza em seu dia a dia?”

Essa estratégia de elicitación tem dupla função:

- Permitir que se verifique o conhecimento ativo da expressão, isto é, a capacidade de reconhecê-la de maneira contextualizada, e não apenas de forma passiva. Essa distinção entre conhecimento receptivo e produtivo é central nos estudos de léxico e competência linguística (Biderman, 2001);
- Obter dados que não se limitem à simples indicação de “conheço/não conheço”, mas que indiquem a usabilidade das expressões pelos participantes, possibilitando uma análise qualitativa do contexto linguístico.

O fornecimento da alternativa “não sei” também é metodologicamente relevante, pois reduz a pressão sobre o informante para que tente adivinhar ou produza usos artificiais, e todo esse contexto contribui para a confiabilidade dos dados (Cohen; Manion; Morrison, 2011).

5.4 Procedimentos de aplicação do questionário

O questionário foi aplicado sem contato humano direto entre pesquisador e participantes, em ambiente virtual. O link de acesso ao Google Forms foi encaminhado pela coordenação pedagógica da escola COC aos estudantes enquadrados na faixa etária de 14 a 19 anos. A mediação institucional da escola contribuiu para legitimar a pesquisa junto aos alunos e responsáveis, além de assegurar maior alcance na distribuição do formulário. A fim de garantir o anonimato dos participantes, não se solicitou o nome no formulário. Da mesma forma, como a intenção da pesquisa não era identificar quem eram esses seres humanos, e, sim, suas competências linguísticas referentes ao maranhês, a opção de retenção do endereço eletrônico dos participantes (e-mail) foi desativada na planilha do Google Forms utilizada.

A opção pela aplicação on-line, sem a presença física do pesquisador, está em consonância com recomendações metodológicas que destacam, em certos contextos, vantagens como aumentar a sensação de anonimato e reduzir pressões sociais na resposta (Couper, 2008). Além do mais, existe a possibilidade de o participante dar as respostas em um momento conveniente e em um ambiente mais confortável, especialmente, no caso de adolescentes, que têm grande familiaridade com tecnologias digitais. Outra vantagem na pesquisa via formulário on-line está no fato de que cada resposta é registrada automaticamente, e as respostas são organizadas em formato de planilhas, também de forma automática, o que minimiza possíveis erros de transcrição e facilita análises por meio de softwares estatísticos.

Por outro lado, reconhece-se que a ausência do pesquisador impede que o ambiente das respostas seja controlado para evitar compartilhamento e interação dos participantes, o que pode prejudicar o aspecto da individualidade, que é sugerida no preâmbulo do formulário. No entanto essas limitações são mitigadas, primeiramente, pela maneira com que os dados foram buscados — por meio de múltipla escolha — e também porque, como se trata de um questionário de rápida resolução, os colaboradores do colégio têm facilidade de conseguir adesão e atenção plena dos participantes.

No texto de apresentação do formulário do Google Forms utilizado para a pesquisa, solicitava-se que o participante respondesse às questões de forma individual, sem o auxílio de adultos ou mesmo de outros jovens da mesma faixa etária, e essa solicitação, segundo informação oficial do colégio, foi reforçada pela coordenação, no momento em que foram explicados os motivos acadêmicos da pesquisa, e foi divulgado o link entre os estudantes do ensino médio.

5.5 Tratamento e análise dos dados

Após o encerramento do período de coleta, as respostas foram exportadas da plataforma Google Forms para planilhas eletrônicas, o que permitiu organizar, filtrar e, posteriormente, analisar os dados. Em primeiro lugar, procedeu-se ao descarte das respostas dos participantes que haviam marcado a opção (c) quanto à sua relação com o Maranhão (não sou maranhense e moro aqui há menos de dez anos), de acordo com o critério previamente estabelecido. Em seguida, as respostas válidas foram categorizadas segundo:

- identificação numérica do participante (código anônimo);
- relação com a maranhensidade (a ou b);
- expressão avaliada — acerto, erro ou declaração de desconhecimento;
- usabilidade da expressão no dia a dia;

A análise quantitativa concentrou-se na verificação da proporção de participantes que conhecem e utilizam cada expressão, identificando, assim, quais delas fazem parte do repertório linguístico dentro do grupo etário considerado. Esse tipo de contagem simplificada não envolve modelos estatísticos complexos, no entanto é plenamente compatível com a tradição variacionista, que valoriza a sistematização numérica da distribuição de variantes como base para análise sociolinguística (Labov, 2008; Mollica, 2003).

Inicialmente, imaginou-se um questionário em que os participantes deveriam escrever uma frase com as expressões apresentadas, mas chegou-se à conclusão de que essa estratégia poderia limitar a participação de boa parcela dos estudantes, razão pela qual se optou pelo formato múltipla escolha, cujas respostas são mais

facilmente inseridas, ainda mais entre o público jovem atual, que dá preferência por atividades mais dinâmicas.

5.6 Considerações éticas

Embora esta pesquisa busque angariar dados linguísticos, e não informações sensíveis que reflitam intimidade, foram observados princípios éticos básicos aplicáveis às Ciências Humanas:

a) garantia de anonimato dos participantes, uma vez que o questionário não solicitou nome, CPF ou nenhum outro dado que permitisse a identificação direta do respondente. Além disso, a plataforma Google Forms, usada para receber as respostas, teve desativada a ferramenta de captura de endereço eletrônico do público que participou da pesquisa;

b) uso dos dados exclusivamente para fins acadêmicos, o que está em consonância com as recomendações para pesquisas com seres humanos (Brasil, 2016).

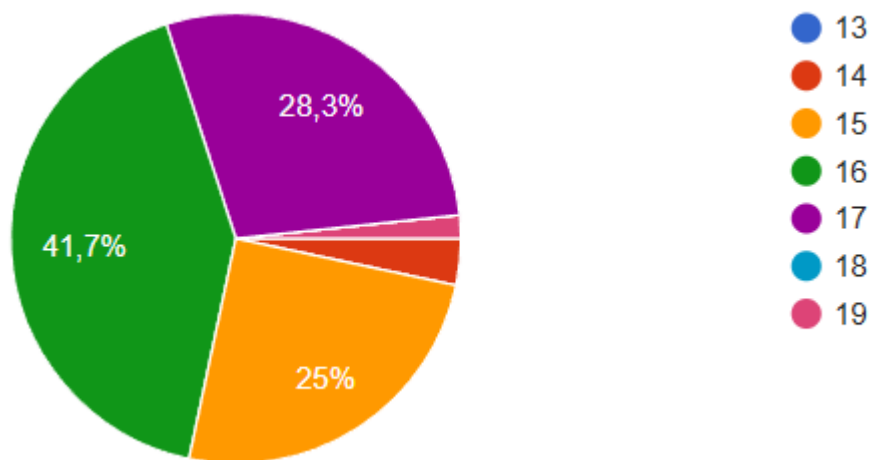
A mediação da coordenação pedagógica da escola COC na divulgação do formulário também contribuiu para assegurar transparência quanto aos objetivos da pesquisa, assim como a credibilidade da ação, o que incentivou a voluntariedade na participação.

Em síntese, a metodologia adotada utilizou-se de procedimentos consagrados na Sociolinguística — uso de questionários, recorte de amostra, controle de variáveis sociais, análise quanti-qualitativa — assim como recursos tecnológicos modernos (Google Forms), de modo a tornar possível uma investigação sistemática do conhecimento e do uso de expressões do maranhês entre jovens de 14 a 19 anos, em contexto de escola particular de São Luís.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Para procedermos à análise dos dados obtidos na pesquisa, vamos, primeiramente, apresentar, em forma de gráfico e, logo em seguida, um resumo estatístico dos resultados.

Gráfico 1: Pergunta 1 sobre o perfil do participante — variável IDADE



14 anos = 2 participantes (3,2%)

15 anos = 15 participantes (25%)

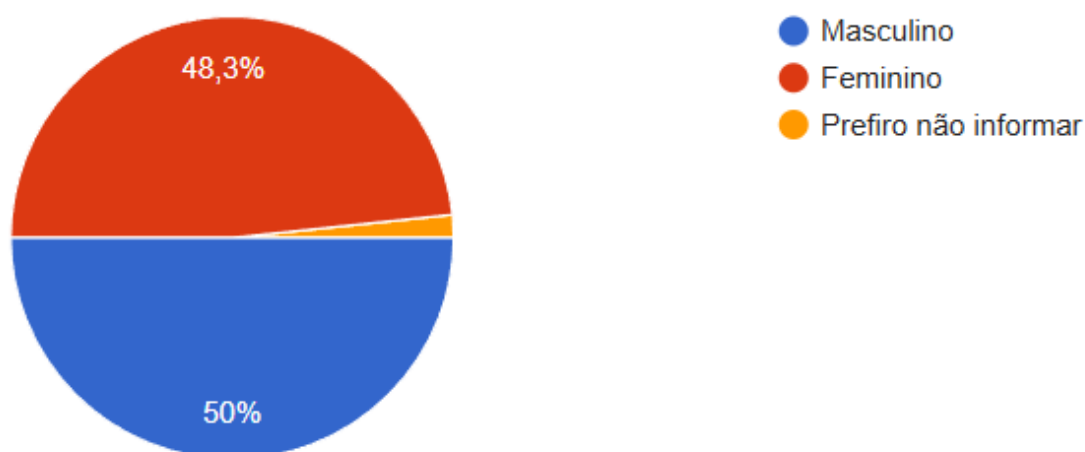
16 anos = 25 participantes (41,7%)

17 anos = 17 participantes (28,3%)

19 anos = 1 participante (1,6%)

Observa-se que foram disponibilizadas sete idades possíveis, no entanto nenhum dos participantes declarou ter 13 ou 18 anos. Somente dois participantes têm 14 anos, e apenas um tem 19. Observa-se que 95% dos estudantes têm entre 15 e 17 anos.

Gráfico 2: Pergunta 2 sobre o perfil do participante — variável GÊNERO



Entre os 60 alunos que responderam ao questionário, 50% são do gênero masculino (30 no total) e 48,3% do gênero feminino (29 participantes). Uma pessoa optou por não informar seu gênero.

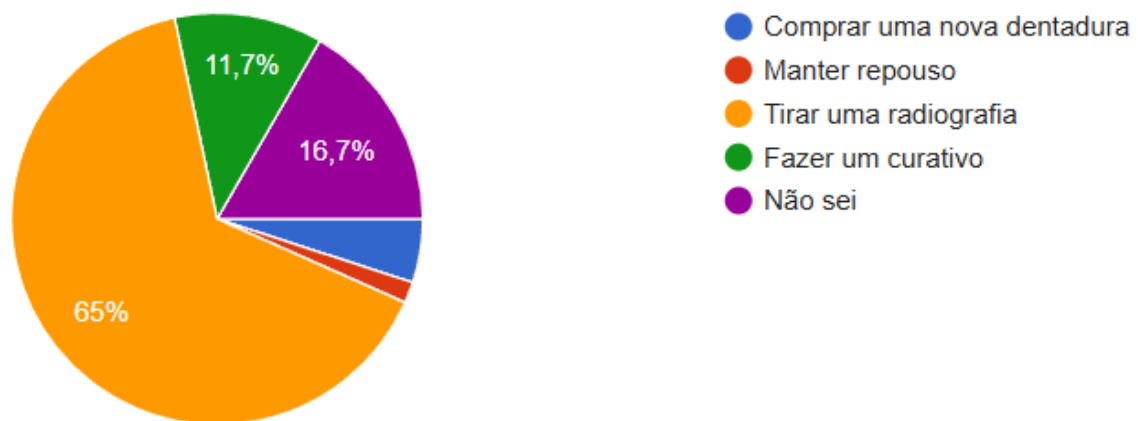
Gráfico 3: Pergunta 3 sobre o perfil do participante — variável ORIGEM.



No total, a opção “Sou maranhense” foi anotada por 57 alunos. Já a opção “Não sou maranhense, mas vivo aqui há mais de dez anos” obteve 3 respostas. O questionário foi aplicado a 67 indivíduos. No entanto sete deles marcaram “Não sou maranhense e vivo aqui há menos de dez anos”, tendo sido excluídos da pesquisa, obedecendo aos critérios pré-estabelecidos e de acordo com os ensinamentos de

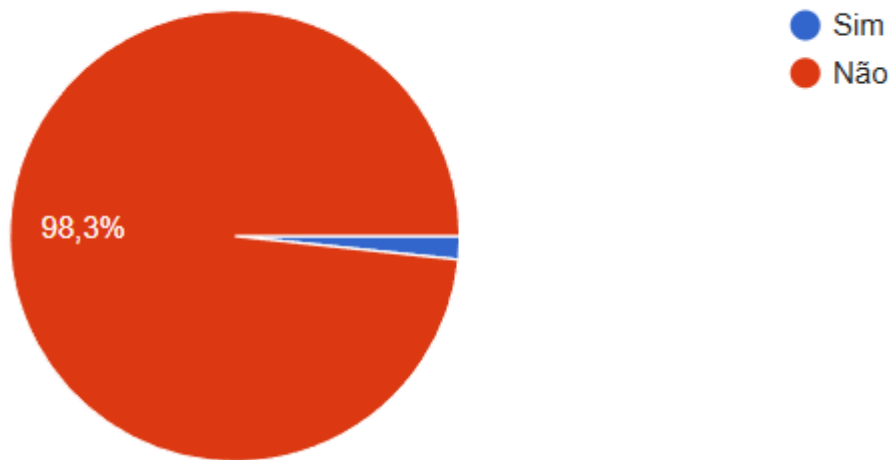
Gil (2008), razão pela qual a análise dos dados considerou somente 60 participações.

Gráfico 4: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a pergunta 1: “INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Machuquei o rosto na queda, agora vou ter de bater uma chapa*”.



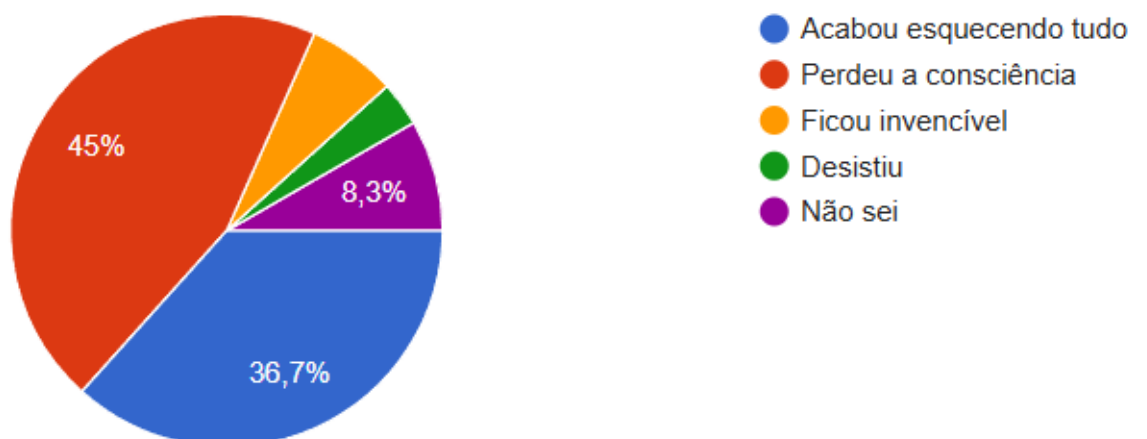
Número de participantes que marcaram a resposta correta (Tirar uma radiografia) = 39 (65%). Número de participantes que marcaram a resposta “Não sei” = 10 (16,7%). Número de participantes que marcaram opções incorretas = 11 (18,3%), quantitativo superior a “Não sei”.

Gráfico 5: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para o COMPLEMENTO DA PERGUNTA 1: Mesmo que você saiba o significado da expressão “bater uma chapa”, você a utiliza no dia a dia?



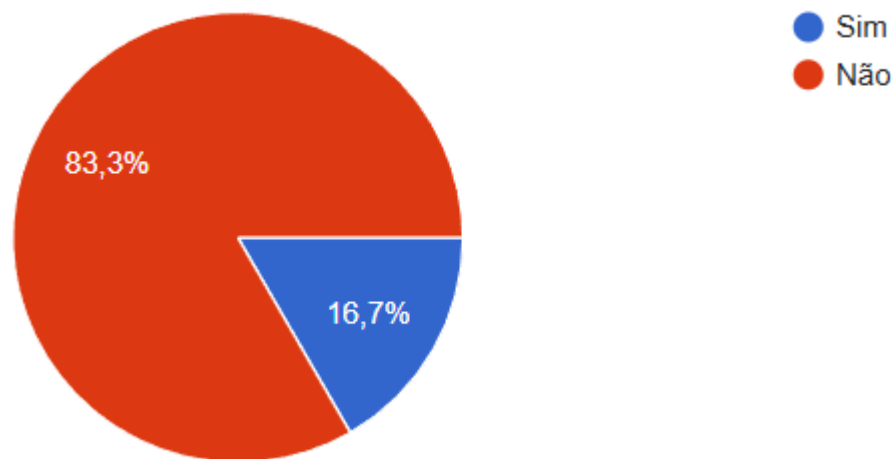
Número de participantes que marcaram “Não” = 59 (98,3%). Número de participantes que marcaram “Sim” = 1 (1,7%). Esse resultado demonstra uma discrepância entre a competência receptiva e a competência produtiva, equivalendo a somente 2,6% do total de estudantes que efetivamente conhecem ou reconhecem a expressão (39).

Gráfico 6: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 2: “INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Henrique passou tanto tempo estudando tanto para o Enem que deu a birôla*”.



O número de participantes que marcaram a resposta correta (Perdeu a consciência) foi 27 (o que equivale a 45%). Já a opção “Não sei” foi marcada por 5 estudantes. Os outros 28 participantes marcaram opções incorretas, contabilizando 36,7% do total.

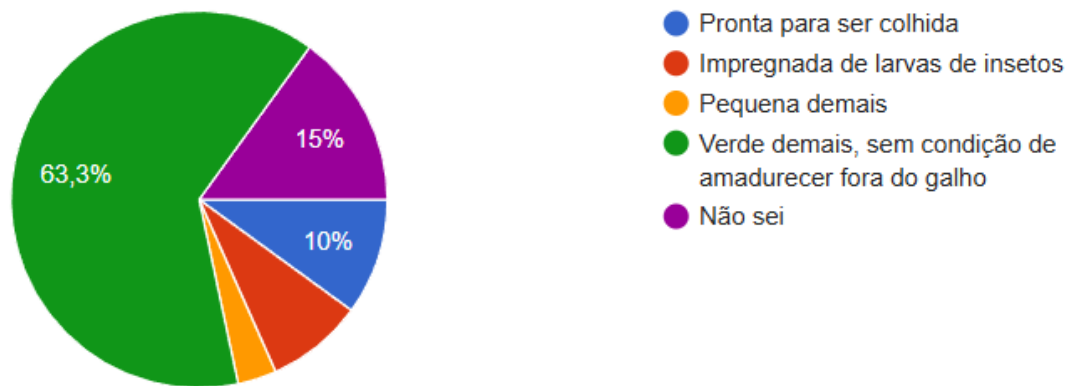
Gráfico 7: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para o COMPLEMENTO DA PERGUNTA 2: Mesmo que você saiba o significado da expressão "dar a birôla", você a utiliza no dia a dia?



Número de participantes que marcaram “Não” = 50 (83,3%)

Número de participantes que marcaram “Sim” = 10 (16,7%)

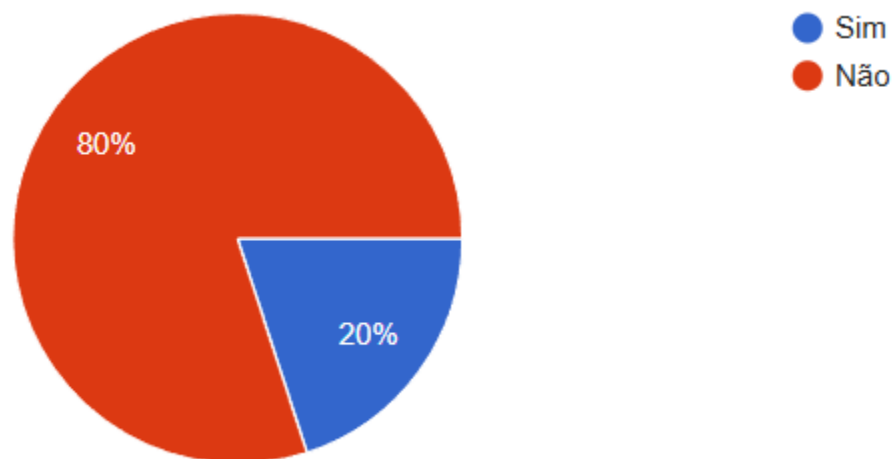
Gráfico 8: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 3: “INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Achei que a manga estava de vez, por isso não trouxe.*”.



Número de participantes que marcaram a resposta correta (“Pronta para ser colhida”) = 6 (10%). Número de participantes que marcaram a opção “Não sei” = 9 (15%). Número de participantes que marcaram opções incorretas = 45 (75%), quantitativo significativamente superior tanto ao de acertos quanto ao de respondentes que declararam desconhecer o significado da expressão, o que vai ao encontro do que defende Eckert (2000).

Os dados evidenciam um baixo domínio da expressão “de vez” no sentido empregado no maranhês, indicando que a maioria dos participantes não reconhece seu valor semântico específico. Esse resultado sugere um possível enfraquecimento ou restrição de uso desse item lexical, que, embora tradicional, não parece estar amplamente difundido entre os respondentes, pois foi amplamente interpretado de forma equivocada.

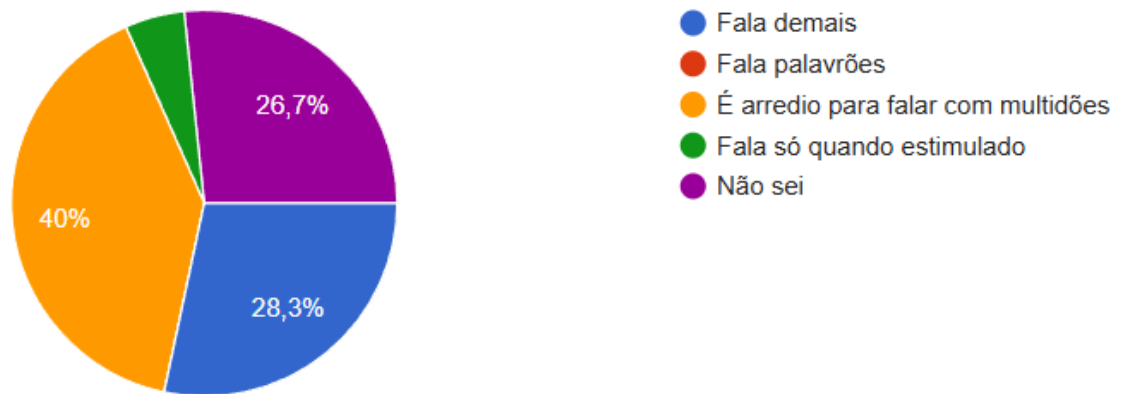
Gráfico 9: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para o COMPLEMENTO DA PERGUNTA 3: Mesmo que você saiba o significado da expressão “de vez”, você a utiliza no dia a dia?



Número de participantes que afirmaram utilizar a expressão “de vez” no dia a dia = 12 (20%). Número de participantes que declararam não utilizá-la = 48 (80%).

Os dados revelam que, mesmo entre aqueles que conhecem o significado da expressão, seu uso efetivo é bastante reduzido. Esse resultado reforça a ideia de que determinados itens lexicais podem permanecer no repertório passivo dos falantes — isto é, são reconhecidos e compreendidos —, mas não se atualizam nas práticas linguísticas cotidianas. Tal cenário aponta para um possível processo de retração de uso, em que a expressão “de vez” tende a se manter como marcador identitário latente, mas com baixa produtividade no uso efetivo da língua.

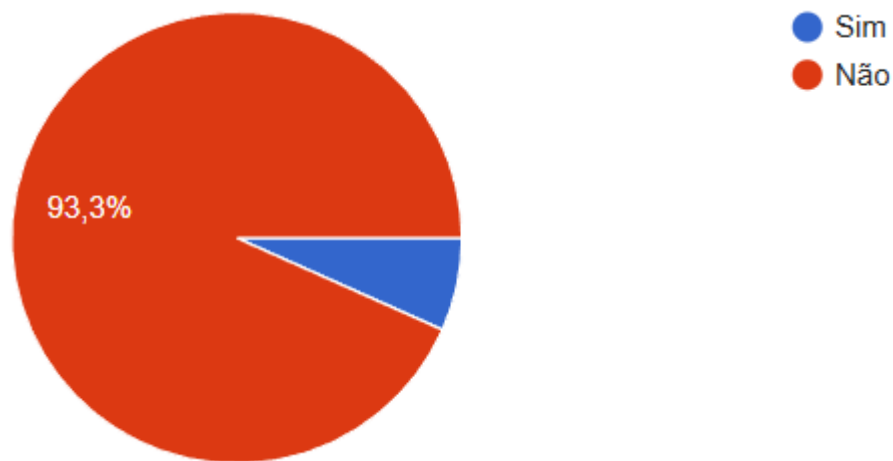
Gráfico 10: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 4: “INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Meu vizinho Ambrósio gosta de falar em público, mas o irmão dele diz-te arreda*”.



Número de participantes que marcaram a resposta correta (“Fala demais”) = 17 (28,3%). Número de participantes que marcaram a opção “Não sei” = 16 (26,7%). Número de participantes que marcaram opções incorretas = 27 (45%), quantitativo superior tanto ao de acertos quanto ao de respondentes que declararam desconhecer o significado da expressão.

Os dados indicam um baixo nível de reconhecimento da expressão “diz-te arredo” no sentido empregado, evidenciando que a maioria dos participantes não domina seu valor semântico. O elevado percentual de respostas incorretas, somado ao número expressivo de “não sei”, sugere que se trata de um item lexical pouco difundido entre os informantes ou em processo de desuso, o que reforça a hipótese de enfraquecimento de certas expressões no repertório ativo dos falantes.

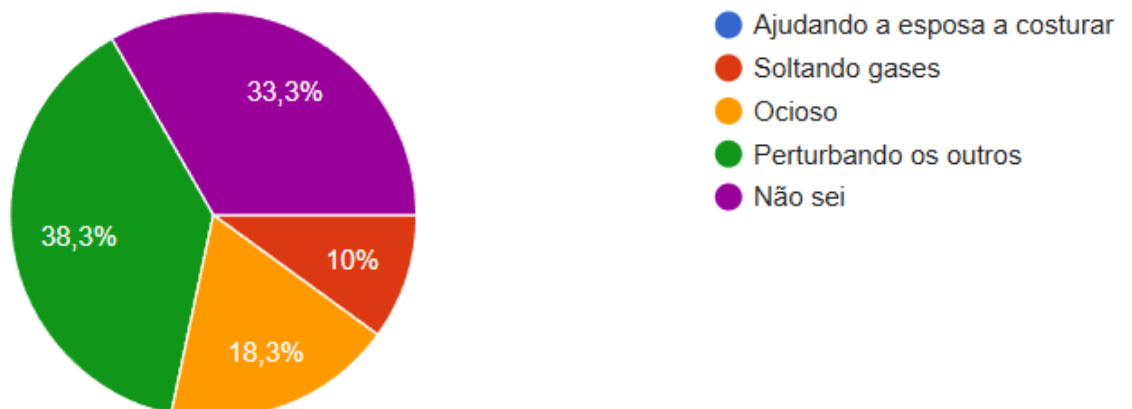
Gráfico 11: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para o COMPLEMENTO DA PERGUNTA 4: Mesmo que você saiba o significado da expressão “diz-te arredo”, você a utiliza no dia a dia?



Número de participantes que afirmaram utilizar a expressão "diz-te arreda" no dia a dia = 4 (6,7%). Número de participantes que declararam não utilizá-la = 56 (93,3%).

Os dados evidenciam que o uso efetivo da expressão é extremamente reduzido entre os informantes, mesmo entre aqueles que eventualmente possam reconhecer seu significado. Esse resultado reforça a tendência já observada de distanciamento entre conhecimento lexical e prática linguística, indicando que "diz-te arreda" se configura como um item de baixa produtividade no repertório ativo dos falantes, possivelmente restrito a contextos específicos ou em avançado processo de desuso.

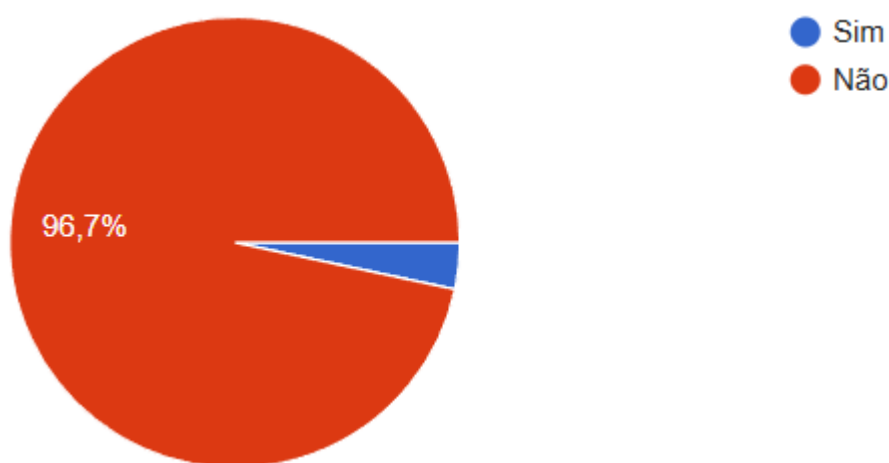
Gráfico 12: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 5: "INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Raimundinho passa o dia todo enfiando peido em cordão*".



Número de participantes que marcaram a resposta correta (“Ocioso”) = 11 (18,3%). Número de participantes que marcaram a opção “Não sei” = 20 (33,3%). Número de participantes que marcaram opções incorretas = 29 (48,4%), quantitativo superior tanto ao de acertos quanto ao de respondentes que declararam desconhecer o significado da expressão.

Os dados evidenciam um baixo nível de reconhecimento da expressão “enfiar peido em cordão”, indicando que a maioria dos participantes não domina seu valor semântico. O elevado percentual de respostas incorretas, aliado ao número expressivo de “não sei”, sugere a hipótese de enfraquecimento dessa expressão no repertório ativo dos falantes.

Gráfico 13: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para o COMPLEMENTO DA PERGUNTA 5: Mesmo que você saiba o significado da expressão “enfiar peido em cordão”, você a utiliza no dia a dia?

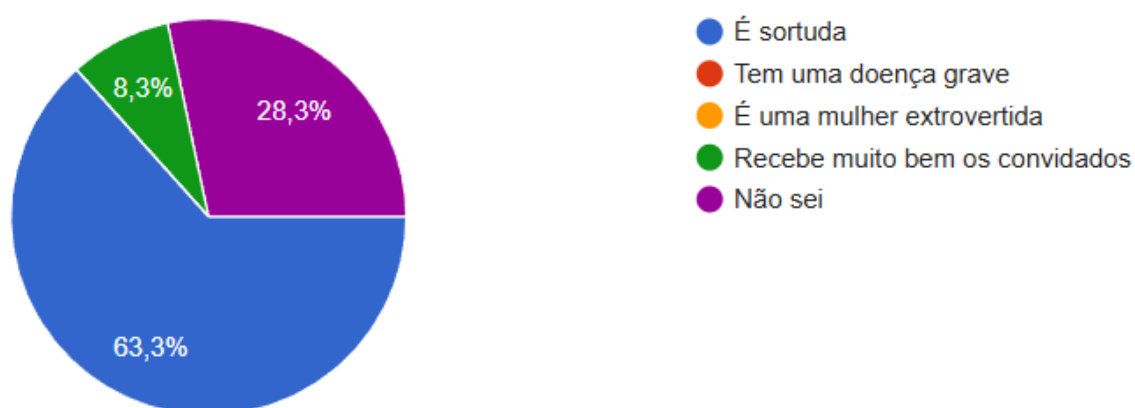


Número de participantes que afirmaram utilizar a expressão “enfiar peido em cordão” no dia a dia = 2 (3,3%). Número de participantes que declararam não utilizá-la = 58 (96,7%).

Os dados evidenciam que o uso efetivo da expressão é praticamente inexistente entre os informantes, mesmo entre aqueles que eventualmente possam reconhecer seu significado. Esse resultado reforça a tendência observada de dissociação entre conhecimento lexical e prática linguística, indicando que a

expressão se configura como um item de baixíssima produtividade no repertório ativo dos falantes, possivelmente em estágio avançado de desuso.

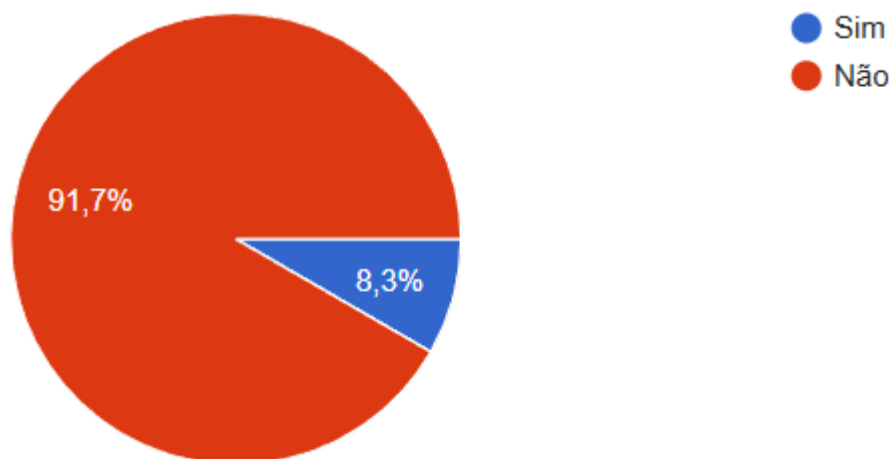
Gráfico 14: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 6: “INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Marise é uma mulher que tem o ganhador aberto*”.



Número de participantes que marcaram a resposta correta (“É sortuda”) = 38 (63,3%). Número de participantes que marcaram a opção “Não sei” = 17 (28,3%). Número de participantes que marcaram opções incorretas = 5 (8,3%), quantitativo inferior tanto ao de acertos quanto ao de respondentes que declararam desconhecer o significado da expressão.

Os dados indicam um bom nível de reconhecimento da expressão “ter o ganhador aberto” no sentido empregado, evidenciando que a maioria dos participantes domina seu valor semântico. No entanto, o percentual ainda significativo de respostas “não sei” sugere que, embora relativamente difundida, a expressão não é plenamente consolidada entre todos os informantes, podendo apresentar variações de conhecimento conforme fatores socioculturais.

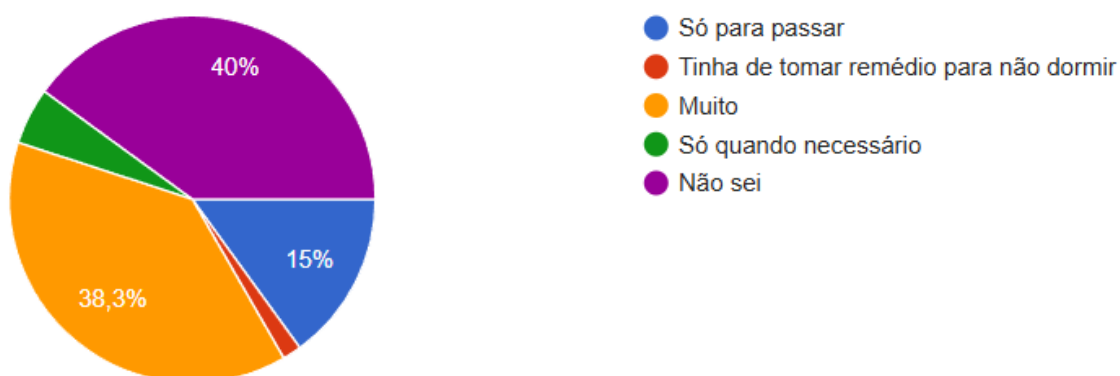
Gráfico 15: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para o COMPLEMENTO DA PERGUNTA 6: Mesmo que você saiba o significado da expressão “ter o ganhador aberto”, você a utiliza no dia a dia?



Número de participantes que afirmaram utilizar a expressão "ter o ganhador aberto" no dia a dia = 5 (8,3%). Número de participantes que declararam não utilizá-la = 55 (91,7%).

Os dados indicam que, embora a expressão apresente um bom nível de reconhecimento entre os informantes (conforme observado no gráfico anterior), seu uso efetivo é bastante reduzido. Esse descompasso entre conhecimento e prática linguística evidencia que a expressão, apesar de compreendida, não se mantém produtiva no repertório ativo dos falantes, configurando-se como um item de circulação limitada.

Gráfico 16: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 7: "INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Na época da faculdade, eu estudava papiulas*".

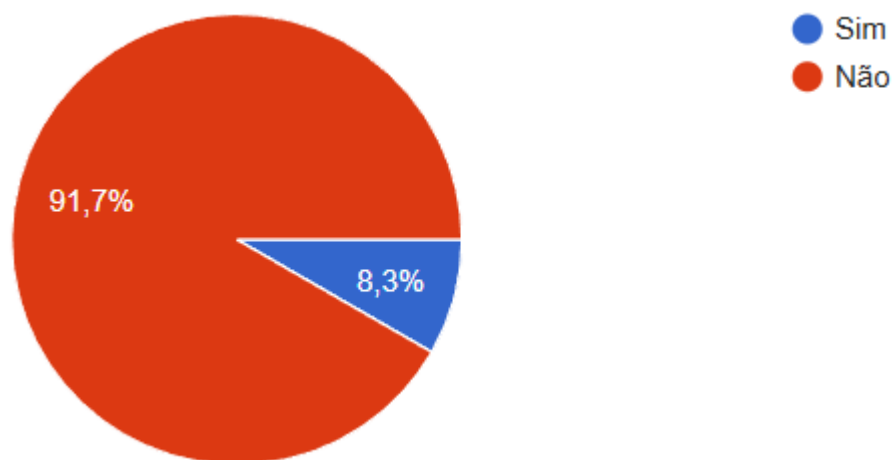


Número de participantes que marcaram a resposta correta ("Muito") = 23 (38,3%). Número de participantes que marcaram a opção "Não sei" = 24 (40%).

Número de participantes que marcaram opções incorretas = 13 (21,7%), quantitativo inferior ao de respondentes que declararam desconhecer o significado da expressão.

Os dados revelam um nível intermediário de reconhecimento da expressão “papiulas”, com destaque para o elevado percentual de participantes que afirmaram não conhecer seu significado. Esse cenário indica que, embora a expressão ainda seja compreendida por uma parcela dos informantes, há sinais de restrição de circulação, sugerindo um possível enfraquecimento no repertório lexical coletivo.

Gráfico 17: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para o COMPLEMENTO DA PERGUNTA 7: Mesmo que você saiba o significado da expressão “papiulas”, você a utiliza no dia a dia?

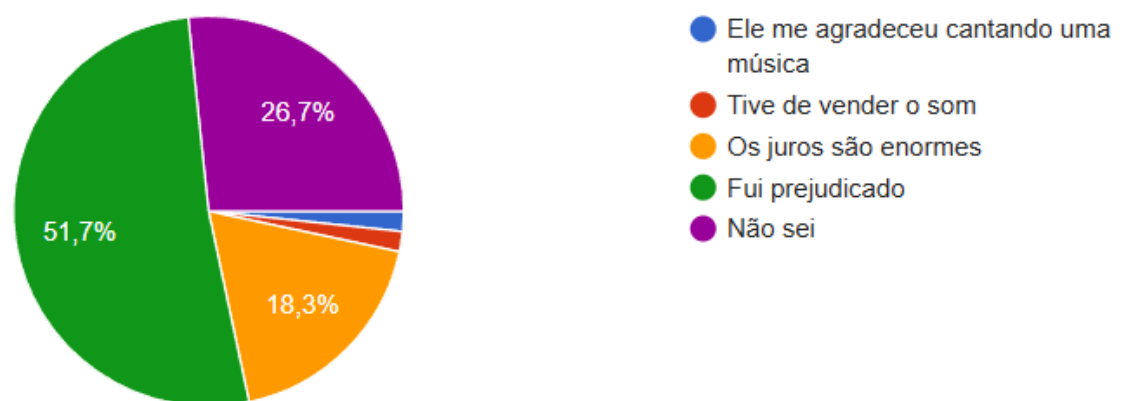


Número de participantes que afirmaram utilizar a expressão “papiulas” no dia a dia = 5 (8,3%). Número de participantes que declararam não utilizá-la = 55 (91,7%).

Os dados indicam que, mesmo entre os informantes que conhecem o significado da expressão, seu uso efetivo é bastante reduzido. Esse resultado evidencia, mais uma vez, a dissociação entre conhecimento lexical e prática linguística, sugerindo que “papiulas” se configura como um item de baixa

produtividade no repertório ativo dos falantes, possivelmente, em processo de retração de uso.

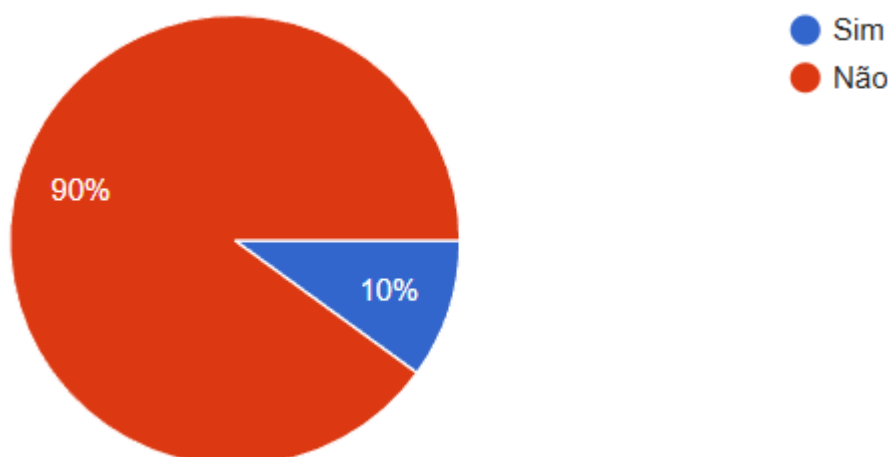
Gráfico 18: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 8: “INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Comprei o terno de Fábio no meu cartão, só deu pra minha radiola*”.



Número de participantes que marcaram a resposta correta (“Fui prejudicado”) = 31 (51,7%). Número de participantes que marcaram a opção “Não sei” = 16 (26,7%). Número de participantes que marcaram opções incorretas = 13 (21,6%), quantitativo inferior ao de acertos, mas ainda expressivo.

Os dados indicam um nível razoável de reconhecimento da expressão “deu pra minha radiola” no sentido empregado, evidenciando que mais da metade dos participantes domina seu valor semântico. No entanto o percentual significativo de respostas incorretas e de “não sei” revela que a expressão não é plenamente consolidada entre os informantes.

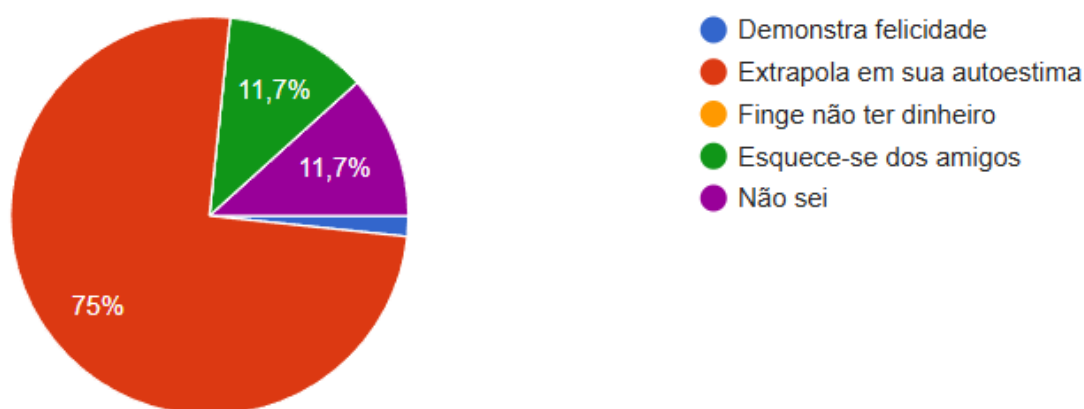
Gráfico 19: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para o COMPLEMENTO DA PERGUNTA 8: Mesmo que você saiba o significado da expressão "só deu pra minha radiola", você a utiliza no dia a dia?



Número de participantes que afirmaram utilizar a expressão “só deu pra minha radiola” no dia a dia = 6 (10%). Número de participantes que declararam não utilizá-la = 54 (90%).

Os dados indicam que, apesar de a expressão apresentar um nível razoável de reconhecimento entre os informantes (conforme observado no gráfico anterior), seu uso efetivo é bastante reduzido. Esse descompasso entre conhecimento e prática linguística reforça a tendência de baixa produtividade do item no repertório ativo dos falantes, sugerindo que a expressão se mantém mais no plano do reconhecimento do que no uso cotidiano;

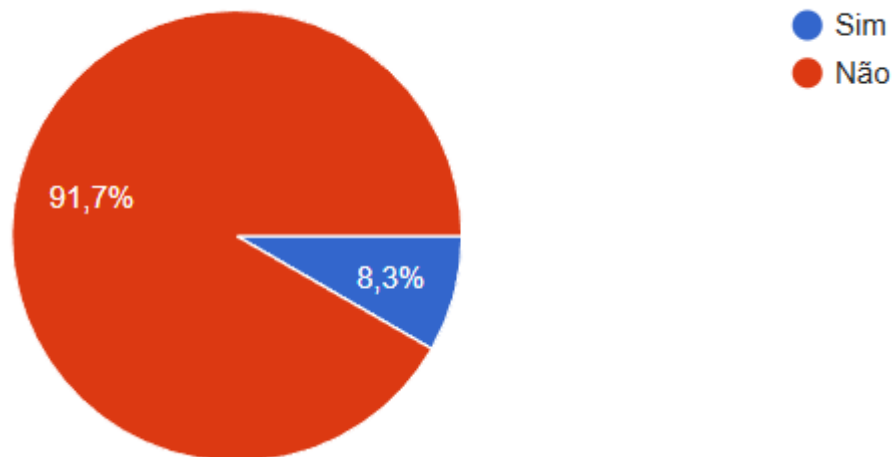
Gráfico 20: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 9: “INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Godinho conseguiu um emprego na Vale, agora só quer ser a bala*”.



Número de participantes que marcaram a resposta correta (“Extrapola em sua autoestima”) = 45 (75%). Número de participantes que marcaram a opção “Não sei” = 7 (11,7%). Número de participantes que marcaram opções incorretas = 8 (13,3%), quantitativo inferior ao de acertos, no entanto superior ao de respondentes que declararam desconhecer o significado da expressão.

Os dados evidenciam um alto nível de reconhecimento da expressão “só quer ser a bala” no sentido empregado, indicando que a maioria dos participantes domina seu valor semântico. O baixo percentual de respostas incorretas e de “não sei” sugere que se trata de um item lexical amplamente difundido entre os informantes, apresentando maior vitalidade e circulação no repertório linguístico do grupo pesquisado. Esse elevado nível de reconhecimento pode ser explicado, em parte, pela proximidade semântica com a expressão “só quer ser a última bolacha do pacote”, amplamente difundida em âmbito nacional. Além disso, conforme Cavalcante (2025), a expressão teria origem em uma forma mais longa — “só quer ser a bala que matou John Kennedy” —, posteriormente reduzida pelo uso popular.

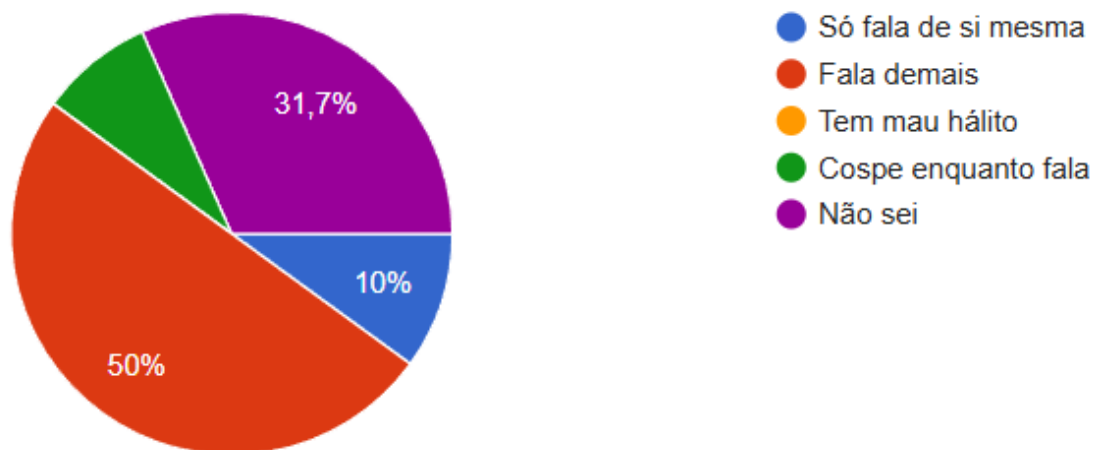
Gráfico 21: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para o COMPLEMENTO DA PERGUNTA 9: Mesmo que você saiba o significado da expressão “só quer ser a bala”, você a utiliza no dia a dia?



Número de participantes que afirmaram utilizar a expressão “só quer ser a bala” no dia a dia = 5 (8,3%). Número de participantes que declararam não utilizá-la = 55 (91,7%).

Os dados indicam que, apesar do alto nível de reconhecimento da expressão (conforme observado no gráfico anterior), seu uso efetivo é bastante reduzido. Esse desnível entre conhecimento e prática linguística evidencia que, embora amplamente compreendida, a expressão não se mantém produtiva no repertório ativo dos falantes, resultado que reforça a tendência de que determinadas unidades lexicais podem conservar valor identitário e reconhecimento coletivo, sem, contudo, se atualizarem com frequência no uso cotidiano.

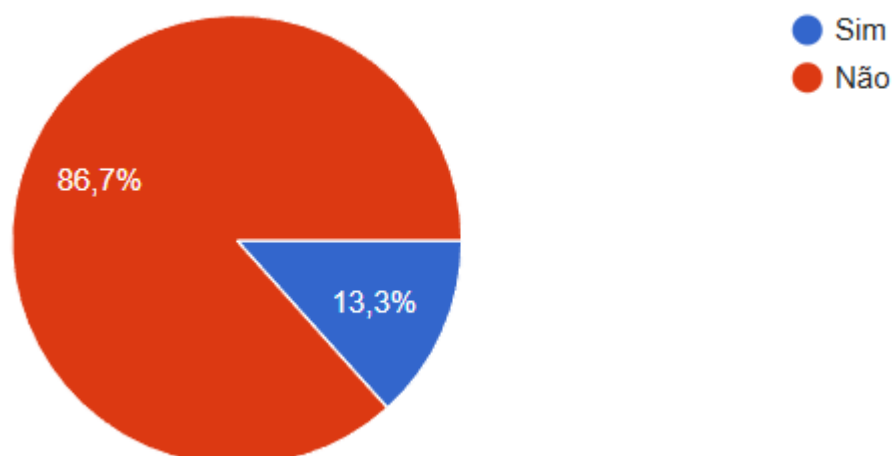
Gráfico 22: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para a PERGUNTA 10: “INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Não aguento conversar com sua prima Magnólia. Ela é uma taquara rachada.*”



Número de participantes que marcaram a resposta correta ("Fala demais") = 30 (50%). Número de participantes que marcaram a opção "Não sei" = 19 (31,7%). Número de participantes que marcaram opções incorretas = 11 (18,3%), quantitativo inferior ao de acertos, mas ainda relevante.

Os dados indicam um nível intermediário de reconhecimento da expressão "ser uma taquara rachada", evidenciando que metade dos participantes domina seu valor semântico. No entanto o percentual expressivo de respostas "não sei", aliado à presença de respostas incorretas, sugere que a expressão não é plenamente consolidada entre os informantes.

Gráfico 23: Demonstrativo da distribuição das respostas obtidas para o COMPLEMENTO DA PERGUNTA 10: Mesmo que você saiba o significado da expressão "ser uma taquara rachada", você a utiliza no dia a dia?



Embora a expressão “ser uma taquara rachada” apresente um nível razoável de reconhecimento entre os participantes, os dados revelam que sua incorporação ao uso cotidiano é bastante limitada. A ampla maioria dos informantes declara não utilizá-la, o que sugere que seu valor permanece mais no plano do conhecimento do que na prática efetiva. Esse distanciamento pode indicar que a expressão, apesar de ainda inteligível, já não ocupa lugar central nas interações linguísticas atuais, sendo possivelmente percebida como marcada, antiga ou pouco compatível com os contextos comunicativos contemporâneos, ou que perdeu prestígio (Bagno, 2007). Ao todo, 52 participantes marcaram “Não”, e somente 8 declararam que a expressão faz parte de seu repertório linguístico cotidiano.

6.1 Análise quantitativa dos resultados

Primeiramente, um dado relevante sobre o perfil de origem dos participantes que compuseram o corpus é que 95% deles são maranhenses natos, no total de 57 indivíduos, o que transmite representatividade para a amostra. Segundo Labov (2008), os estudos linguísticos devem ser analisados dentro de comunidades de fala relativamente homogêneas.

Outro dado importante é que a faixa etária consultada centrou-se entre 15 e 17 anos de idade, com 95% dos participantes nesse intervalo, embora o projeto original previsse um alcance mais amplo, com indivíduos de idades de 13 a 19 anos, que é a faixa etária majoritariamente encontrada em turmas de ensino médio, principalmente, na rede particular. A sociolinguista Penelope Eckert (2000) trabalha diretamente com adolescentes e defende que essa faixa etária é central na construção e difusão de identidades linguísticas e que os jovens são protagonistas na variação linguística.

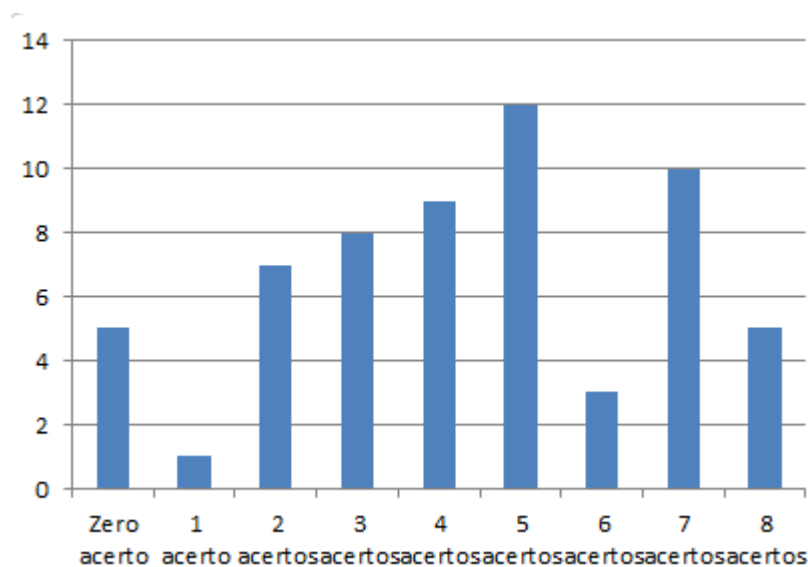
O número máximo de respostas corretas foi atingido por cinco participantes, que souberam identificar oito das dez expressões da pesquisa. Nenhum participante demonstrou domínio sobre todas as expressões apresentadas. Por outro lado, cinco indivíduos zeraram seu formulário, ou porque informaram a opção errada quanto ao significado da expressão ou porque informaram desconhecer a expressão.

O gráfico 20 apresenta a expressão mais conhecida pela maioria dos participantes (só quer ser a bala), em que 75% responderam corretamente, seguido de “bater uma chapa” (gráfico 4), com um percentual de acerto de 65% e “ter o ganhador aberto (gráfico 14), em que 63,3% das respostas foram corretas.

No polo oposto, temos a expressão “de vez” (gráfico 8), com somente 10% de respostas adequadas e “enfiar peido em cordão” (gráfico 12), em que houve somente 18,3% de acertos.

É relevante também trazer à baila os dados referente à quantidade de acertos per capita, em escala progressiva: 0 acerto: 5 participantes; 1 acerto: 1 participante; 2 acertos: 7 participantes; 3 acertos: 8 participantes; 4 acertos: 9 participantes; 5 acertos: 12 participantes. Ou seja, 42 participantes (69,4%) dominam, no máximo 50% das expressões apresentadas, ficando a parcela menor (18 participantes [30,6%]) com o domínio acima da metade das expressões apresentadas. Observe-se o gráfico abaixo.

Gráfico 24: quantitativo de número de acertos versus número de participantes



Como não houve contato entre este pesquisador e o público respondente — uma vez que o link para o formulário construído na plataforma Google Forms foi enviado à coordenação do colégio, que procedeu à divulgação entre os alunos do ensino médio —, não se pôde observar se, além das orientações no preâmbulo do

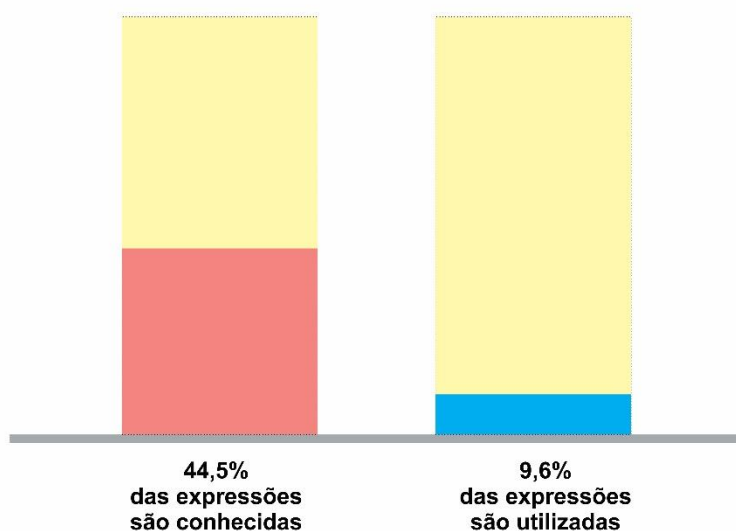
formulário, houve o reforço da coordenação em solicitar que os participantes não tentassem “adivinhar” as respostas, pois o que se apresentou foi que, em 60% das questões, o número de marcações erradas superou o número de participantes que declararam desconhecer aquelas expressões. O gráfico 8 mostra esse detalhe estatístico, uma vez que o percentual de jovens que responderam “Não sei” atingiu 15%, valor muito inferior aos 75% de participantes que marcaram opções incorretas.

Essa ocorrência pode ser explicada pelo fato de a pesquisa ter sido realizada em meio ao público adolescente, que tem uma forte preferência por engajar-se em situações que envolvem desafios, mesmo carecendo de conhecimento consolidado. Nesse contexto, é possível que parte dos respondentes tenha optado por escolher alternativas do questionário de forma inferencial, em vez de declarar que desconheciam as expressões. Esse comportamento vai ao encontro dos estudos sobre juventude de Eckert (2000), que apontam a adolescência como um período marcado pela construção identitária e pela experimentação de possibilidades sociais e cognitivas, em que os indivíduos, naturalmente, recusam-se a declarar-se inábeis ou desconhecedores e preferem enfrentar os desafios.

6.2 Análise qualitativa dos resultados

Analisando os dados obtidos, podemos fazer diversas reflexões, uma vez que os números, sendo analisados friamente, podem levar a uma mera conclusão técnica, e o cenário aqui se apresenta propício a uma reflexão que envolva aspectos sociolinguísticos, mais humanizados. Antes, vamos observar, no gráfico abaixo, os dados percentuais generalizados dos quantitativos de expressões (re)conhecidas pelos participantes em confronto com os quantitativos de uso dessas mesmas expressões no cotidiano de fala desses indivíduos.

Gráfico 25: médias percentuais de expressões do maranhês (re)conhecidas pelos respondentes e do uso dessas mesmas expressões por eles



Sob a óptica da sociolinguística, dois aspectos chamam a atenção ao se observarem os dados obtidos, como demonstrado acima. O primeiro deles é que se verifica uma relevante taxa de expressões do maranhês que são conhecidas — ou reconhecidas — pelos estudantes do ensino médio da escola COC, em São Luís-MA. Esse fato demonstra com clareza que a variedade “maranhês” da língua portuguesa pode ter sua perpetuação garantida, apoiando essa afirmação em Labov (2001, p. 415): *“the transmission of linguistic change within a speech community is primarily carried by children acquiring the language”*¹⁹. O autor evidencia o papel central das novas gerações na continuidade dos sistemas linguísticos. Dessa forma, a manutenção ou o enfraquecimento de uma variedade linguística se atrela diretamente à sua apropriação pelos jovens, os quais têm dupla função: são agentes de transmissão e também de transformação linguística. E os 44,5% de competência receptiva dos participantes evidenciam um futuro promissor para o português atávico do maranhense. Ou seja, a nova geração tem o ferramental necessário para manter a máquina em funcionamento e continuar o processo de transmissão às gerações posteriores.

No entanto a esperança de dias auspiciosos para o maranhês se esvai quando se observa o gráfico da direita, em que se demonstra a média do que foi contabilizado na pesquisa sobre o uso das expressões investigadas. Com apenas 9,6% de utilização dessas expressões pelo público participante, o cenário do

¹⁹ A transmissão das mudanças linguísticas dentro de uma comunidade de fala é primariamente conduzida por crianças em processo de aquisição da língua (tradução nossa).

otimismo inicial iluminado pelo gráfico da esquerda ganhou ares de turvidez. Essa baixa competência reprodutiva demonstra que o público mais jovem tem negligenciado o repertório linguístico que retém internalizado. Em capítulo anterior, discorreu-se sobre o porquê do distanciamento das novas gerações de suas raízes culturais, resultado da excessiva exposição ao mundo globalizado (Garrett, 2010).

Esse dado preocupante revela que existe um processo de deslocamento linguístico em andamento dentro da sociedade maranhense, entre o público pesquisado. E um fato mais preocupante ainda é que essa redução na vitalidade do maranhês entre as gerações mais jovens repercutirá negativamente com a ruptura da transmissão intergeracional. Com isso, a língua, pouco a pouco, deixará de ser um instrumento de atividade linguística viva e passará a ocupar um lugar de reconhecimento passivo, uma espécie de “museu cultural”.

É importante lembrar que a linguagem se configura como prática social. No âmbito da Sociolinguística variacionista, entende-se que a língua é inseparável de seu uso em contextos reais de interação, sendo moldada pelas práticas sociais dos falantes (Labov, 2001). Nesse sentido, as formas linguísticas que deixam de circular em uma comunidade tendem a perder vitalidade, uma vez que a variação e a mudança linguística estão diretamente relacionadas ao uso efetivo da língua em situações comunicativas. Assim, expressões que não participam da dinâmica social tornam-se progressivamente menos produtivas, podendo, com o tempo, cair em desuso.

Outro aspecto a ser discutido tem a ver com o sentimento de pertença desses jovens à maranhensidade. Uma vez que se esquivam de usar a variedade linguística que lhes foi legada e da qual têm bom conhecimento, podemos inferir um certo preconceito — como alerta Bagno (2007) —, alimentado de fora para dentro. Hall (1992) nos lembra que identidade não é algo que se tem. É algo que se pratica, se performatiza. Os dados mostram que os participantes da pesquisa reconhecem o maranhês, no entanto não o incorporam em suas práticas linguísticas. O repertório linguístico existe, mas não é acionado. Portanto o maranhês sobrevive internalizado como marcador identitário latente, mas não existe uma efetiva prática identitária,

uma vez que, à luz de Wittgenstein (1953, p. 19), palavras inertes implicam língua morta: “*To imagine a language means to imagine a form of life*²⁰”.

Outra possível reflexão sobre os dados obtidos se baseia no que Bourdieu (1996) classifica como “capital simbólico e prestígio”. Para o autor, nem toda forma de linguagem tem o mesmo valor social, uma vez que algumas variedades condensam mais prestígio. Nesse diapasão, podemos inferir que, se os jovens participantes da pesquisa conhecem o maranhês, mas evitam usá-lo, é possível que esse afastamento seja causado pela percepção de que o maranhês tem baixo prestígio social. Sob essa óptica, infere-se também que a não utilização do maranhês pode refletir uma escolha que vá ao encontro do que é socialmente aceito, ou seja, os falantes privilegiam variantes linguísticas associadas a maior prestígio ou aceitação (Calvet, 2002).

Por último, vamos refletir a respeito da sobrevida que o maranhês ainda pode ter, tendo em vista os dados desanimadores apresentados na pesquisa. Como adverte Hall (1992, p. 7), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio”. Voltando ao gráfico com resultado discrepante apresentado no início desta análise, percebe-se que o maranhês não desapareceu completamente. Talvez, diante do contexto atual, em que as dinâmicas linguísticas são fortemente afetadas pela globalização, o maranhês pode ter sido deslocado para o campo da memória cultural, ou seja, a língua deixou de ser vivida como prática social cotidiana e passou a existir como lembrança coletiva, reconhecida, mas não vivenciada. No entanto a luz amarela já se acendeu, pois, como assinala Wittgenstein (1953), se o modo de vida muda, a linguagem também muda (ou desaparece).

²⁰ Imaginar uma língua significa imaginar uma forma de vida (tradução nossa).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada permitiu compreender, com base em um recorte geracional específico — jovens de 14 a 19 anos, estudantes de uma escola privada de São Luís —, como o léxico associado ao maranhês se encontra hoje em circulação e que lugar ele ocupa na perpetuação da maranhensidade. Ancorado em referenciais da Sociolinguística, dos estudos sobre língua e identidade e das discussões acerca do global e do local (Labov, 2008; Hall, 1992; Santos, 1996; Bortoni-Ricardo, 2004), este trabalho partiu da premissa de que o léxico não é apenas um conjunto de palavras, mas um espaço privilegiado de inscrição da memória, da cultura e do pertencimento (Biderman, 2001).

Os resultados obtidos, entretanto, apontam para um cenário de relativo afastamento dos jovens em relação a esse repertório lexical. Entre os 60 participantes, apenas 34% demonstraram conhecimento de até 50% das expressões selecionadas, e somente 11 ultrapassaram a marca de 50% de acertos. Nenhum dos respondentes demonstrou domínio integral sobre o conjunto de expressões, e 10% declararam não conhecer nenhuma delas. Considerando que se trata de expressões consagradas no imaginário sobre o falar maranhense, tais dados revelam um enfraquecimento do conhecimento ativo do léxico regional, precisamente entre aqueles que, em princípio, deveriam dar continuidade a esse patrimônio cultural.

À luz das discussões teóricas desenvolvidas ao longo do trabalho, é possível interpretar esse quadro como indício de um distanciamento dos jovens em relação a um dos traços culturais mais importantes da maranhensidade: o modo de falar. Se, como afirmam Hall (1992) e Tuan (1983), as identidades se ancoram em práticas simbólicas que vinculam sujeitos a lugares e memórias, a perda ou a fragilização do léxico regional implica também o enfraquecimento de um canal fundamental de identificação com o território Maranhão. Sob a óptica de Bourdieu (1996), o léxico do maranhês parece perder “capital simbólico” no universo desses jovens, cedendo espaço a repertórios associados a centros hegemônicos de produção cultural e linguística.

Esse afastamento, contudo, não deve ser lido de forma simplista como “falta de identidade” ou “desinteresse pela cultura local”. Em consonância com Hall (1992) e Canclini (2008), os dados sugerem que a maranhensidade juvenil hoje se constrói em meio a fortes tensões entre o global e o local, entre repertórios regionais e referências midiáticas nacionais e transnacionais. O que se observa é menos um desaparecimento da identidade maranhense e mais uma reconfiguração de suas formas de expressão: o léxico tradicional perde centralidade, enquanto outros marcadores — estilos musicais, práticas de consumo, envolvimento virtuais — ganham peso nos processos identitários. Ainda assim, o fato de o léxico regional ocupar posição tão reduzida entre os jovens investigados é motivo de atenção, pois indica fragilidade na transmissão geracional de um componente essencial da cultura maranhense.

Do ponto de vista educacional e social, os resultados desta pesquisa reforçam a pertinência de ações que valorizem o maranhês como patrimônio linguístico e cultural, sobretudo no espaço escolar. Em linha com Bortoni-Ricardo (2004; 2014), Bagno (2007) e Faraco (2008), é fundamental que a escola deixe de tratar variedades regionais como “erro” ou “folclore” e passe a reconhecê-las como manifestações legítimas da língua portuguesa no Brasil, integrando o léxico local a projetos pedagógicos que articulem língua, história e cultura. Em vez de restringir-se à norma padrão abstrata, o ensino de língua portuguesa pode (e deve) abrir espaço para a reflexão sobre o falar maranhense, de modo a aproximar os jovens de um aspecto primordial da maranhensidade.

Em termos de perspectivas, seria pertinente ampliar o escopo da pesquisa, incluindo escolas públicas, diferentes bairros da capital e cidades do interior, bem como outros grupos etários, para que se verifique em que medida o cenário observado aqui se repete ou se altera em outros segmentos sociais. Também se mostra promissora a realização de estudos que articulem o léxico do maranhês a outras práticas culturais juvenis (música, redes sociais, festas, produções audiovisuais), investigando possíveis formas contemporâneas de ressignificação da maranhensidade.

A pesquisa também abre espaço para a ampliação de seu escopo, com a realização de um estudo comparativo intergeracional (avós, pais e filhos), que permitisse detectar a deterioração do maranhês à proporção que as gerações vão se

sucedendo, muito em virtude da globalização dos meios informacionais e a decorrente influência entre o público mais exposto a tais modernidades. Fica aqui o acicate.

Em síntese, este trabalho confirma que a língua — e, em particular, o léxico — continua a ser um dos lugares centrais de construção, afirmação e também de erosão das identidades. No caso dos jovens aqui investigados, o conhecimento reduzido das expressões do maranhês evidencia um processo de distanciamento de um dos traços culturais mais significativos do Maranhão, e a esquiva em usar esse pouco conhecimento pode acarretar, como já citado, que o maranhês seja passivamente reconhecido, transformando-se numa espécie de “museu cultural”. Reconhecer esse movimento, descrevê-lo e problematizá-lo constitui um passo importante para nortear ações de resgate linguístico, para que a maranhensidade não se converta apenas em memória, mas permaneça como experiência viva, atualizada nas palavras e nos modos de falar das novas gerações. E morreu fofão!²¹

²¹ Expressão que significa “assunto encerrado”, “não se fala mais nisso” (Cavalcante, 2025).

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. **Cultura popular e identidade regional**. São Paulo: Contexto, 2011.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial; 2009.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 50. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. **O português do Brasil urbano**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1996.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde-CNS. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- CARDOSO, Susana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade.; MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. (orgs.). **Variação e mudança no português brasileiro: estudos de geolinguística e sociolinguística**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVALCANTE, Jader. **Do you speak maranhês?** Terra Cultural, São Luís, 2025.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. **Research methods in education**. 7. ed. London: Routledge, 2011.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COUPER, Mick P. **Designing Effective Web Surveys**. Cambridge University Press, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EBLE, Connie. **Slang and Sociability**: In-Group Language Among College Students. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.

ECKERT, Penelope. **Linguistic Variation as Social Practice**: The Linguistic Construction of Identity in Belten High. Oxford: Blackwell, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FERNANDES, Florestan. **Bumba meu boi: festa e identidade no Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2002.

FERREIRA, Camilla Maramaldo. **Vocabulário dialetal maranhense**: a contribuição do Maranhão para o Dicionário Dialectal Brasileiro. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. Cultura popular e patrimônio imaterial: o contexto do tambor de crioula do Maranhão. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, n. esp., p. 173-179, ago. 2010. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/398>.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 51. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GALVÃO, Waldir de Oliveira. **A Língua e a Identidade Nacional**. São Paulo: Ática, 1979.

GARRETT, Peter. **Attitudes to language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAESBAERT, Rogerio. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno, Maria Martha Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. 4. ed. São Paulo: Unesp, 2006.

MACCANNELL, Dean. **The Tourist: A New Theory of the Leisure Class**. New York: Schocken Books, 1976.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9–15.

NARO, Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NERES, José. Hem-hem: uma marca polissêmica do falar maranhense. **Língua Portuguesa**: Conhecimento Prático, São Paulo, n. 25, p. 30-33, 2010.

NERES, José; BARROS, Lindinalva. **Maranhão na ponta da língua**: palavras e expressões maranhenses. Edição virtual. 2011.

PRESTON, Dennis Richard. **Handbook of perceptual dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**. São Paulo: Parábola, 2003.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo *et al.* O Atlas Linguístico do Maranhão: os caminhos do português falado no Maranhão. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Edue, 2005.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

ROBERTSON, Roland. **Glocalization: time-space and homogeneity-heterogeneity**. In: FEATHERSTONE, Mike; LASH, Scott;

ROBERTSON, Roland (eds.). **Global modernities**. London: SAGE Publications, 1995. p. 25-44.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 1996.

SOUSA, Layane Kessia Pereira; SILVA, Paulo Círio; BEZERRA, José de Ribamar Mendes. Língua (portuguesa) e identidade: traços do falar maranhense. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 295-308, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/104499/111820>. Acesso em: 18 mar. 2025.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. Paris, 2002. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/2001%20declara%C3%A7%C3%A3o%20universal%20sobre%20a%20diversidade%20cultural%20da%20unesco.pdf>. Acesso em: 14 maio 2025.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Folclore brasileiro**: Maranhão. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1977.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 99-187.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

APÊNDICE

Questionário estruturado de múltipla escolha aplicado entre os estudantes do ensino médio da Escola COC, em São Luís-MA, nos dias 17 a 19 de março de 2025, por meio da Plataforma GoogleForms. Por questões de confidencialidade, o dispositivo de captura de e-mails dos respondentes ficou inativo.

PESQUISA CIENTÍFICA SOBRE O MARANHÊS

QUANTO VOCÊ CONHECE DO MARANHÊS?

Olá, ao responder a este questionário, você contribuirá para a ciência linguística. Estas perguntas vão embasar um trabalho de dissertação de mestrado na área de Letras (UFMA). Solicitamos que você responda com sinceridade, sem pedir auxílio a ninguém, porque a veracidade das respostas é imprescindível para a pesquisa científica. Também não tente adivinhar a resposta, caso não saiba. Esta pesquisa visa descobrir o nível de conhecimento e uso de expressões típicas do “maranhês” pelo público entre 13 e 19 anos. Observe que seu nome não é solicitado, para garantir o anonimato e a confidencialidade destes dados, que serão usados somente para o estudo científico acadêmico. Após responder à última pergunta, clique em "ENVIAR".

Obrigado por sua participação.

Prof. Jáder Cavalcante

Sua idade

☐ 13 ☐ 14 ☐ 15 ☐ 16 ☐ 17 ☐ 18 ☐ 19

Seu gênero

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Prefiro não informar

Marque a condição em que você se encaixa:

- ☐ Sou maranhense
- ☐ Não sou maranhense, mas vivo aqui há mais de dez anos
- ☐ Não sou maranhense, e vivo aqui há menos de dez anos

PERGUNTA 1: INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Machuquei o rosto na queda, agora vou ter de bater uma chapa.*

- A) Comprar uma nova dentadura
- B) Tirar uma radiografia
- C) Manter repouso
- D) Fazer um curativo
- E) Não sei

Mesmo que você saiba o significado da expressão "bater uma chapa", você a utiliza no dia a dia?

- ☐ Sim ☐ Não

PERGUNTA 2: INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Henrique passou tanto tempo estudando tanto para o Enem que deu a birôla.*

- A) acabou esquecendo tudo
- B) perdeu a consciência
- C) desistiu
- D) ficou invencível
- E) Não sei

Mesmo que você saiba o significado da expressão "dar a birôla", você a utiliza no dia a dia?

- ☐ Sim ☐ Não

PERGUNTA 3: INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Achei que a manga estava de vez, por isso decidi não trazê-la.*

- A) pronta para ser colhida

- B) impregnada de larvas de insetos
- C) pequena demais
- D) verde demais, sem condição de amadurecer fora do galho
- E) Não sei

Mesmo que você saiba o significado da expressão "de vez", você a utiliza no seu dia a dia?

() Sim () Não

PERGUNTA 4: INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Meu vizinho Ambrósio gosta de falar em público, mas o irmão dele diz-te arreda.*

- A) fala demais
- B) fala palavrões
- C) é arredio para falar para multidões
- D) fala só quando é estimulado
- E) Não sei

Mesmo que você saiba o significado da expressão "diz-te arreda", você a utiliza no seu dia a dia?

() Sim () Não

PERGUNTA 5: INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Raimundinho passa o dia todo enfiando peido em cordão.*

- A) ajudando a esposa a costurar
- B) soltando gases
- C) ocioso
- D) perturbando os outros
- E) Não sei

Mesmo que você saiba o significado da expressão "enfiar peido em cordão", você a utiliza no seu dia a dia?

() Sim () Não

PERGUNTA 6: INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Marise é uma mulher que tem o ganhador aberto.*

- A) é sortuda
- B) tem uma doença grave
- C) é uma mulher extrovertida
- D) recebe muito bem os convidados
- E) Não sei

Mesmo que você saiba o significado da expressão "ter o ganhador aberto", você a utiliza no seu dia a dia?

() Sim () Não

PERGUNTA 7: INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Na época da faculdade, eu estudava papiulas.*

- A) só para passar
- B) só quando necessário
- C) muito
- D) tomando estimulantes
- E) Não sei

Mesmo que você saiba o significado da expressão "papiulas", você a utiliza no seu dia a dia?

() Sim () Não

PERGUNTA 8: INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Comprei o terno de Fábio no meu cartão, só deu pra minha radiola.*

- A) tive de vender o som
- B) os juros são enormes
- C) ele me agradeceu cantando uma música em minha homenagem
- D) fui prejudicado
- E) Não sei

Mesmo que você saiba o significado da expressão "só deu pra minha radiola", você a utiliza no seu dia a dia?

() Sim () Não

PERGUNTA 9: INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Godinho conseguiu um emprego na Vale, agora só quer ser a bala.*

- A) demonstra felicidade
- B) extrapola em sua autoestima
- C) finge não ter dinheiro
- D) esquece-se dos amigos
- E) Não sei

Mesmo que você saiba o significado da expressão "só quer ser a bala", você a utiliza no seu dia a dia?

() Sim () Não

PERGUNTA 10: INDIQUE O SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO SUBLINHADA NA SEGUINTE FRASE: *Não aguento conversar com sua prima Magnólia. Ela é uma taquara rachada.*

- A) Só fala de si mesma
- B) Fala demais
- C) Cospe enquanto fala
- D) Tem mau hálito
- E) Não sei

Mesmo que você saiba o significado da expressão "ser uma taquara rachada", você a utiliza no seu dia a dia?

() Sim () Não